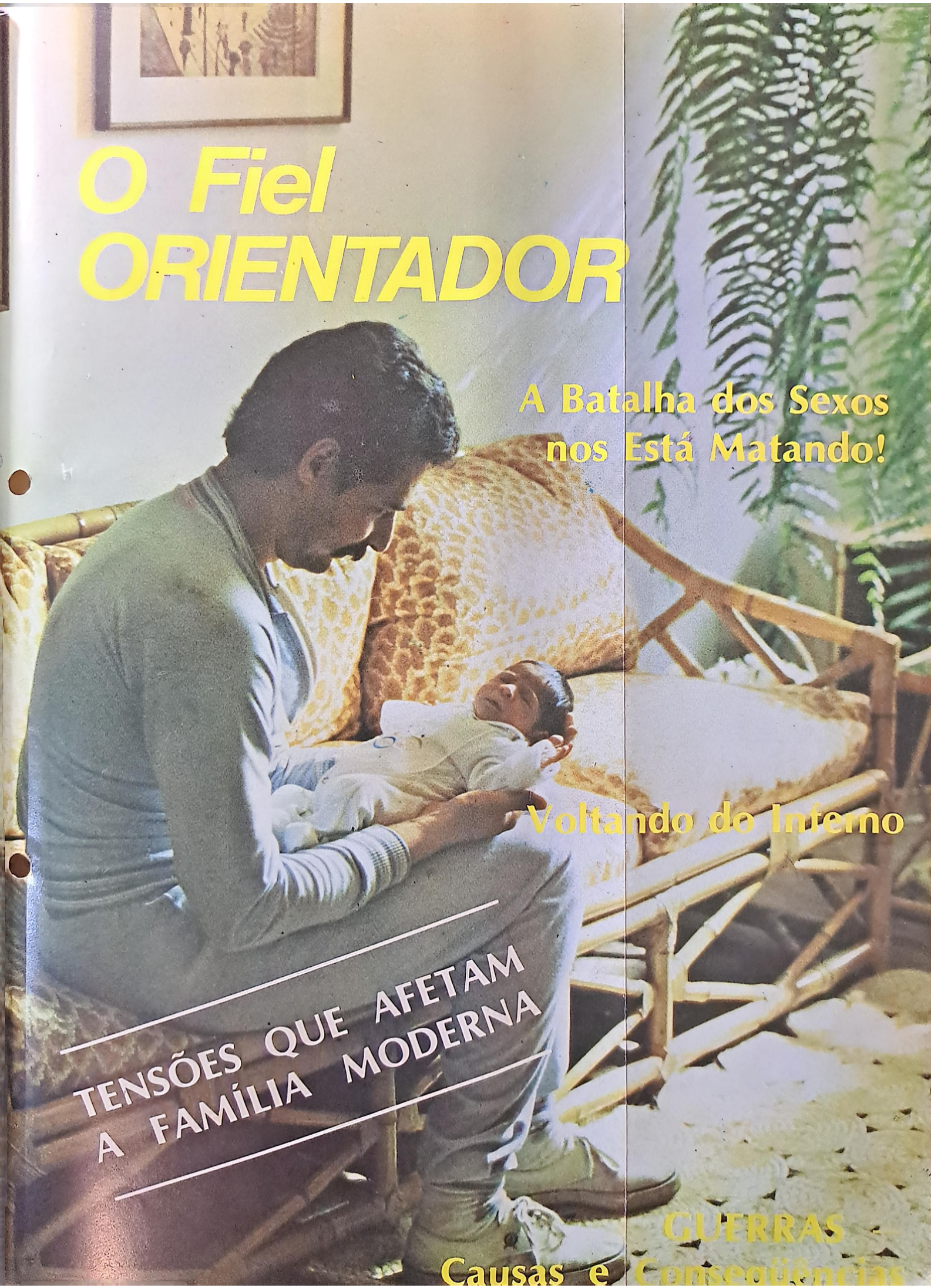
O Fiel ORIENTADOR



A Batalha dos Sexos nos Está Matando!

Voltando do Inferno

TENSÕES QUE AFETAM A FAMÍLIA MODERNA

GUERRAS Causas e Conseqüências

Localizado em
um aprazível recanto,
na montanha

Fazendo
o melhor
por sua saúde

HOSPITAL OÁSIS PARANAENSE

NATURISTA DE FATO

- Fisio-Hidroterapia
- Trofoterapia
- Fitoterapia
- Geoterapia
- Helioterapia

Método biológico - naturista de tratamento

CAIXA POSTAL 48 — FONE (041) 757-1264
BOTIATUVA — ALMIRANTE TAMANDARÉ, PR

Editorial

Orientação segura

Nosso mundo está decididamente desorientado. Os homens que o dirigem, a despeito das melhores intenções de que possam estar imbuídos, perderam o controle da situação.

Organismos internacionais como a O.N.U. (Organização das Nações Unidas), O.E.A. (Organização dos Estados Americanos), O.T.A.N. (Organização e Tratado do Atlântico Norte), O.U.A. (Organização da Unidade Africana) e outros tantos cujos nomes não cabem nesta curta coluna, todos tem mostrado sua inoperância justamente quando sua intervenção é desesperadamente solicitada. As mais recentes guerras ou intervenções militares no Afeganistão, Irã-Iraque, Inglaterra-Argentina (nas Falklands ou Malvinas), no Líbano e outras que se seguirão mostraram e mostrarão claramente que os homens não dispõem de recursos ou de poder para impedir as horríveis carnificinas.

Estaríamos também desesperados se não contássemos com a segura orientação profética da Palavra de Deus.

O leitor perceberá ao ler o conteúdo deste número de O Fiel Orientador que a razão dos problemas enfrentados pelo mundo e pelos seus habitantes está na desobediência aos claros ensinos divinos.

A finalidade da verdadeira educação é tirar o homem de seus tacões de egoísmo e levá-lo, pela graça divina, a servir o seu próximo — como a si mesmo.

Uma doutrina monstruosa — baseada na mitologia pagã — a existência do inferno com seus terríveis ensinamentos que têm desesperado a milhões, é esmiuçada pelo artigo "Voltando do Inferno".

A imortalidade natural da alma — também de origem pagã, ensinada pela primeira vez por seu próprio inventor, Satanás, também é abordada com propriedade neste número.

Os demais artigos completam o material que, sem dúvida, mostrará ao leitor que nem tudo está perdido. Há uma esperança: confiança no amor divino e harmonização da vida humana aos planos do Criador.

"Ah! se tivesses dado ouvidos aos Meus Mandamentos!" diz nosso Deus, "então seria a tua paz como um rio, e a tua justiça como as ondas do mar." (Isaías 48:18)

Essa paz e essa justiça estão seguramente ao alcance de cada um de nós. Que esse binômio seja realmente alcançado pelos nossos leitores! **D.P.S.**

NESTE NÚMERO:

Guerras — Causas e Conseqüênci 4

Tensões que Afetam a Família Moderna .. 7

Voltando do Inferno..... 9

A Morte na Perspectiva Teológica Judaico - Cristã 13

Estava Perdido mas Foi Achado 16

Fala Sempre a Verdade 18

A Batalha dos Sexos nos Está Matando! ...20

Quando Sairá Você das Dívidas? 23

O Fiel Orientador

Publicação da EDEL
— Edições "A Edificação do Lar" — Rua Amaro B. Cavalcanti, 608
— Vila Matilde — S. Paulo, SP. — Cxa. Postal 48.311 —
CEP. 03513 — Fone: 295-3353

Redator Responsável:
Prof. Davi Paes Silva

Representantes:

SÃO PAULO
Rua Amaro B. Cavalcanti, 640 — Tel. 294-2044 — Cxa. Postal 10.007 — S.Paulo, SP — CEP 01000

RIO DE JANEIRO
Rua Barbosa, 230 — (Cascadura) — Tel. 269-6249 — Rio de Janeiro, RJ — CEP 21.350

BRASÍLIA
Área Especial nº 10 — Setor "B" Sul — Cxa. Postal 40-0075 — Tel. 561-4540 — Taguatinga, DF — 70.700

PARANÁ
Rua David Carneiro, 277 — Tel. 252-2754 — Cxa. Postal 124 — Curitiba, PR — CEP 80.000

RIO GRANDE DO SUL
Rua Adão Bayno, 304 — Tel. 41-2118 — PORTO ALEGRE, RS CEP 90.000

PERNAMBUCO
Av. Norte, 3.028 (Rosarinho) — Tel. 222-1097 — Recife, PE — CEP 50.000

BAHIA
Rua Anníbal Vianna Sampaio, 42 (Rua C) — IAPI — (Jardim Eldorado) - Salvador, BA — Cxa. Postal 333 — CEP 40.000

PARÁ
Rua Marquês de Herval, 911 — Cxa. Postal, 1014 — Belém, PA — CEP 66.000

Ampla literatura sobre Medicina Natural e Religião. Peça catálogo grátis ou representante.

CAUSAS E CONSEQÜÊNCIAS

Davi Paes Silva

Os meios de comunicação têm sido ocupados nestes últimos dias quase que exclusivamente com a transmissão de notícias acerca de embates bélicos. A guerra tem sido uma constante em nosso mundo. Palavras e expressões outrora desconhecidas como: **détente**, **corrida armamentista**, **bomba de nêutrons**, **guerra química**, **submersível**, **arsenal nuclear**, **cogumelo atômico**, **guerrilha**, **caça-bombardeiro**, **decolagem vertical**, **submarino nuclear**, etc, têm-se tornado familiares aos povos de quase todo o mundo.

Lugares há pouco totalmente desconhecidos ou mesmo ignorados como: Afeganistão, El Salvador, Nicarágua, Ilhas Falkland (ou Malvinas) têm, desde que foram invadidos por potências militares, atraído, de maneira trágica, a atenção mundial. Os eficientes recursos da comunicação moderna, depois de algumas horas apenas (às vezes uma questão de minutos, dependendo do lugar onde ocorreram os fatos), têm colocado ao alcance da população de quase todo o mundo relatórios minuciosos das tragédias bélicas que têm-se abatido, quase que de forma ininterrupta, sobre diferentes nações.

Causas

A guerra (na família, nas cidades, nos países — guerras civis, e entre as nações) está intimamente ligada ao pecado ou à transgressão da Lei de Deus.

Tiago, o apóstolo, irmão do Senhor Jesus, faz significativa pergunta seguida de convincente resposta:

"Donde vêm as guerras e contendas entre vós? Porventura não vêm disto, dos vossos deleites que nos vossos membros guerreiam? Cobiçais e nada tendes; logo matais. Invejais, e não

podeis alcançar; logo combateis e fazeis guerras." Tiago 4:1, 2.

Antes que uma guerra seja levada a campo, ela nasce dos desejos egoísticos e ambiciosos do coração humano. De acordo com as palavras inspiradas, a guerra está intimamente ligada ao pecado da cobiça.

Jean Jacques Rousseau, filósofo e escritor suíço da língua francesa, do século XVIII, afirmava que os problemas do homem residiam no seu desejo de posse.

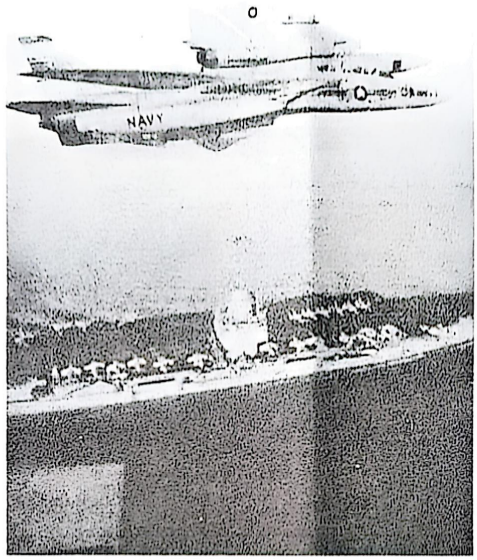
A prática da guerra é implícita e explicitamente condenada pela Lei de Deus, especialmente pelos sexto e oitavo mandamentos, respectivamente: "Não matarás" e "não furtarás". Comentando o último, Ellen G. White, conhecida escritora cristã norte-americana, afirma:

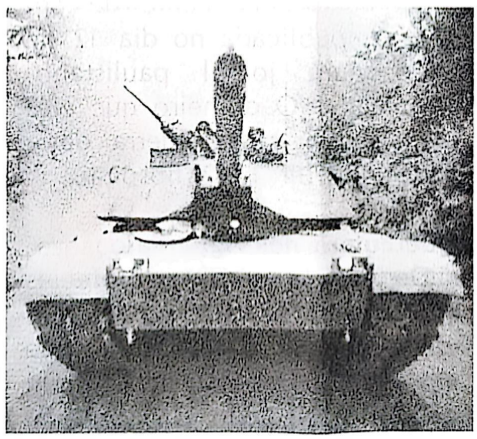
"O oitavo mandamento condena o furto de homens e tráfico de escravos, e proíbe a guerra de conquista."

Conseqüências

A guerra, em todos os seus aspectos, custa caríssimo a qualquer nação ou indivíduo que nela se envolva.

A Segunda Guerra Mundial custou ao mundo o seguinte preço: quinze milhões de soldados mortos dos países beligerantes; dois milhões e oitocentos mil civis mortos em virtude de bombardeamentos aéreos; cinco milhões e quinhentas mil pessoas foram mortas por gás, e onze milhões exterminadas por outros processos nos campos de concentração. Cento e cinqüenta milhões de europeus ficaram sem abrigo. Isso sem falar naqueles que morreram posteriormente como resultados das mutilações causadas pela guerra e as radiações atômicas resultantes das bombas lançadas a 6 e a 9 de agosto de 1945 sobre as cidades japonesas de Hiroshima e Nagasaki.





O preço da guerra: alto demais!

Os Custos Financeiros da Guerra

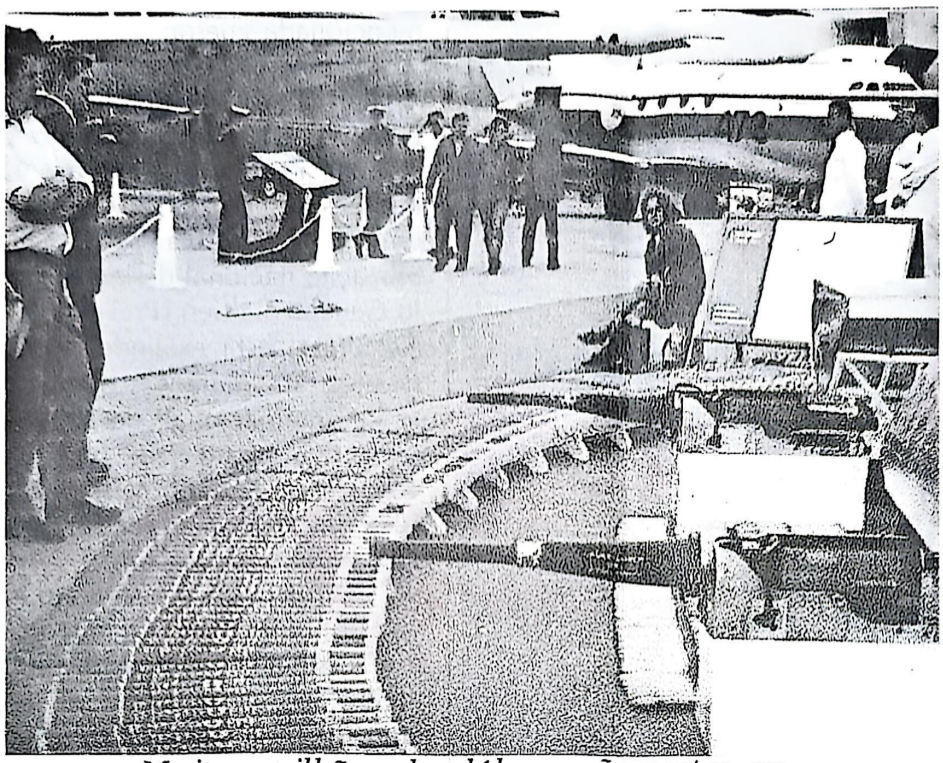
Dia 2 de abril de 1982. O mundo se surpreende com a invasão argentina das ilhas Falkland (ou Malvinas). A Inglaterra reage e envia seus modernos porta-aviões, caças-bombardeiros, fragatas, carregados de mortíferos instrumentos bélicos. Têm início as ações de combate no Atlântico Sul. A Argentina tenta manter a invasão. Afirma conhecido jornalista do jornal "O Estado de São Paulo" num balanço dos primeiros dias da mencionada guerra:

"O preço da guerra para a Argentina e Inglaterra é alto demais. Só o deslocamento da Armada Real, custa por dia 150 milhões de cruzeiros, cerca de um milhão de dólares. E a mobilização nacional deflagrada pelo General Galtieri (Presidente da Argentina) está exigindo investimentos tão volumosos que as reservas internacionais do país, em ouro, chegaram ao nível da emergência pela primeira vez na História, fixando-se entre um e dois milhões de dólares.

"O armamento mais barato em uso no conflito do Atlântico Sul é um pequeno morteiro de fragmentação, semelhante a uma granada de artilharia leve, que não sai por menos de 600 dólares. Um fuzil semelhante ao usado pelos 20 mil homens em armas — dos dois lados — vale qualquer coisa como dois mil dólares. E o balanço das baixas materiais reconhecidas não indica que a conta final possa vir a ter qualquer característica de agradável surpresa.

"A Inglaterra acusou a perda de um caça-bombardeiro **Harrier,** de decolagem vertical (outros dois já foram perdidos), que pode custar de 12 a 18 milhões de dólares, dependendo do grau de sofisticação dos equipamentos eletrônicos escolhidos pelo comprador — e no caso dos próprios fabricantes, os britânicos, as versões **Sea** ou **SP** embarcadas a bordo dos navios aeródromos **Hermes** e **Invincible** são as mais avançadas da série.

"O destróier **Sheffield,** afundado por um míssil **Exocet,** comprado da França pela Argentina por 16 mil dólares, custou 40 milhões quando foi construído, em 1975, mas hoje, um navio igual está orçado em 150 milhões. Ocorre, porém, que o Sheffield foi sucessivamente aperfeiçoado eletronicamente, nos últimos três anos, e com isso seu valor médio como unidade



Muitos milhões de dólares são gastos em armamentos sofisticados.

isolada, computados todos os recursos especiais que dispunham, sobe para US$ 200 milhões — a metade da cotação, por exemplo, de um porta-aviões, ou o equivalente ao dinheiro necessário para atender a todo o programa de assitência técnica agropecuária do Estado de São Paulo durante dois anos. O almirantado inglês também registrou danos não avaliados em uma fragata de 120 milhões de dólares.

"A Argentina sofreu mais quantitativamente — até agora. Perdeu dois bombardeiros médios (ingleses) **Camberra,** já fora de produção, mas ainda cotados a preços mínimos da ordem dos 900 mil dólares no mercado internacional. Os dois caça-bombardeiros **Nesher-Dagger** abatidos, versões israelenses do supersônico francês **Mirage-III,** não saem por menos de 10 milhões de dólares cada um, e as lanchas rápidas de patrulha e ataque com mísseis de curto alcance, afundadas pelo fogo ar-superfície dos helicópteros **Lynx,** foram comprados na Alemanha por 30 milhões de dólares cada."

Uma propaganda de uma "Sociedade Beneficente de Senhoras" publicada no dia 12 de maio num jornal paulistano, afirmava: "O dinheiro que eles já gastaram nessa guerra daria para construir 1.674 hospitais..."

Que Futuro nos Aguarda?

De acordo com as profecias bíblicas a situação do mundo vai-se agravar a tal ponto que envolverá todas as nações num conflito geral. João, o vidente de Patmos, registrou: "O sexto anjo derramou a sua taça sobre o grande rio Eufrates; e a sua água secou-se, para que se preparasse o caminho dos reis que vêm do oriente. E da boca do dragão, e da boca da besta, e da boca do falso profeta, vi saírem três espíritos imundos, semelhantes a rãs. Pois são espíritos de demônios que operam sinais; os quais vão ao encontro dos reis de todo o mundo para os congregar para a batalha do grande dia do Deus Todo-Poderoso... E eles os congregaram no lugar que em hebraico se chama Armagedom." Apocalipse 16:12-14, 16.

Após essa guerra, ocorrerá a sétima praga e, ao término desta, nosso Senhor Jesus Cristo voltará a esta Terra para cumprir Sua promessa feita há quase dois mil anos: "Virei outra vez e vos tomarei para Mim mesmo, para que onde Eu estiver estejais vós também." João 14:3.

Depois de consumadas todas as coisas, Cristo estabelecerá Seu reino nesta Terra, cuja nova condição está descrita em Apocalipse 21:1-8.

"E vi um novo céu e uma nova Terra. Porque já se foram o primeiro céu e a primeira Terra e o mar já não existe. E vi a santa cidade, a nova Jerusalém, que descia do Céu, da parte de Deus, adereçada como uma noiva ataviada para o seu noivo. E ouvi uma grande voz, vinda do trono, que dizia: Eis que o tabernáculo de Deus está com os homens, pois com eles habitará, e eles serão o Seu povo, e Deus mesmo estará com eles. Ele enxugará de seus olhos toda lágrima; e não haverá mais morte, nem haverá mais pranto, nem lamentação, nem dor; porque já as primeiras coisas são passadas.

"E o que estava assentado sobre o trono disse: Eis que faço novas todas as coisas. E acrescentou: Escreve; porque estas palavras são fiéis e verdadeiras. Disse-me ainda: Está cumprido: Eu sou o Alfa e o Ômega, o princípio e o fim. E quem tiver sede, de graça lhe darei a beber da fonte da água da vida. Aquele que vencer herdará estas coisas: e Eu serei seu Deus, e ele será Meu filho. Mas, quanto aos medrosos, e aos incrédulos, e aos abomináveis, e aos homicidas, e aos adúlteros, e aos feiticeiros, e aos idólatras, e a todos os mentirosos, a sua parte será no lago ardente de fogo e enxofre, que é a segunda morte."

Em que grupo pretende estar o leitor? Que Deus o ajude a escolher estar entre os vencedores!

Tensões que afetam a família moderna

Sônia Regina Santos de Jesus
Assistente Social

Quando falamos de família, idéias diversas nos ocorrem.

Lembramos nossa infância cheia da participação dos nossos pais e avós, ou lembramos uma infância limitada a um pequeno quarto, aos cuidados da vizinha, da empregada que não queria ver sujeira ou ouvir barulho.

Podemos nos lembrar ainda de como ansiávamos pelos finais de semana, para podermos correr livremente com nossos pais em alguma área verde ou, simplesmente, vê-los na lida de preparar tudo para a nova corrida da semana seguinte, na luta pela sobrevivência ou ascenção social. Talvez do assunto que conversavam pouco compreendíamos: aumento do aluguel, da taxa de telefone, desemprego, nova moda, mas podíamos ver a família inteira, se não unida, pelo menos reunida num mesmo espaço geográfico, num mesmo tempo, porque em outros dias nem mesmo às horas das refeições nos víamos; à noite, muito menos... O sono nos vencia.

Talvez, ao evocar a palavra família, alguns jovens, filhos de pais abastados, que disponham de tempo apenas para os amigos, o lazer em clubes, viagens e intermináveis reuniões de negócios e encontros sociais extra-lar, venham a defini-la assim: "Pai é uma assinatura no talão de cheques"; "Minha família é o meu dinheiro"; "Não estou a fim de caçar marido para me apresentar como a sociedade quer — uma família de nome — estou mais é pensando em 'curtir'".

Família — para o sociólogo e antropólogo — é a instituição primária da sociedade, uma sub-unidade da sociedade, com função específica de transmitir cultura aos filhos.

Ampliando este conceito, diríamos ser a família também um centro de reprodução biológica, com implicações econômicas de manutenção, educação e socialização.

Nessa visão, a família historicamente tem cumprido seu papel, ora na forma patriarcal, ora matriarcal; famílias oriundas de casamentos na forma de monogamia ou poligamia, etc.

Mas quando vemos a família numa visão mais ampla, profunda... um grupo vital que representa para os membros uma fonte de afeição e intimidade; um grupo unido que age de modo a estabelecer um equilíbrio em suas relações, numa verdadeira "homeostase familiar"(1), "um sagrado organismo social, em que cada membro deve desempenhar sua parte, ajudando

ao outro, movendo-se suavemente, como as diferentes partes de uma maquinaria bem regulada... numa responsabilidade individual de fazer sua parte em ajudar no conforto, na ordem e regularidade da família,"(2)verificamos que em determinadas épocas ela cumpriu seu papel em maior ou menor grau de satisfatoriedade.

Consideramos inoportuno avaliar que tipo de família cumpriu melhor o seu papel. Acreditamos ser importante, sim, a análise de um evento histórico que abalou a dinâmica daquela família em que, de maneira verbal e não verbal e através de exemplo, se manteve um relacionamento estreito entre seus membros e demais parentes; em que se manteve uma vivência cheia de emoções e sentimentos; ou ainda uma família que, induzindo ao temor, de forma autoritária, com a presença de um líder-dono, os valores e normas eram transmitidos e preservados.

O evento a que nos referimos, a Revolução Industrial, afetou profundamente a família moderna.

A partir daí,

—valorizou-se gradativamente o "mundo das coisas" e de maneira inversamente proporcional desvalorizou-se o "mundo dos homens";

—o valor individual passou a ser medido em termos de renda obtida, daí, a verdadeira corrida de especialização;

—rebaixou-se a condição da mulher que, numa tentativa de ser valorizada, deixou o lar e os filhos para competir no mercado de trabalho;

—enfatizou-se a mobilidade individual como uma condição essencial de ascenção, fazendo com que famílias inteiras se deslocassem juntamente com o assalariado, de comunidade a comunidade, causando a ruptura dos laços de parentesco e amizade;

—as vidas familiares dos homens separaram-se de maneira tal de suas vidas no trabalho, que eles praticamente passaram a viver em dois mundos;

—Fez-se com que o lar fosse transformado em simples dormitório ou lugar de descanso.

Como conseqüência dessa situação, os filhos tiveram que ser entregues a terceiros para a educação. Observamos aí o florescer das instituições educacionais.

"A mulher deixou o lar e os filhos para competir no mercado de trabalho"

Os filhos, em especial, passaram a ver os pais apenas nos finais de semana — desanimados, ausentes, cansados e preocupados — e sobre estas figuras cheias de incertezas passaram a modelar suas vidas.

No entanto, apesar de todo este quadro, o homem necessita de sua família, recorre a ela procurando assegurar sua condição de amado e de valorizado. "Esta pressão no sentido de conceder aos indivíduos segurança e atenções especiais, impõe sobre a família uma carga psíquica extra. A família contemporânea está preparada para suportar essa sobrecarga? Não — não muito bem! A família tenta, alcançando, quando muito, precários resultados positivos e freqüentemente fracassa." (3)

Psicólogos, psiquiatras, assistentes sociais e outros profissionais, num trabalho interdisciplinar, aprofundam seus estudos visando ao tratamento de pessoas com distúrbios psico-sociais e, quando chegam a um diagnóstico, problemas familiares aparecem constantemente como causa, determinante ou agravante, de tais distúrbios.

O técnico pode fazer muito, mas cada família precisa participar com ele, num esforço de superar a corrida pela valorização material. Necessária se faz uma volta à valorização do homem, dos sentimentos que Deus colocou em seu coração.

Neste modernismo incontrolado, onde os homens, na corrida do lucro, criam necessidades para os semelhantes, numa jogada comercial para colocação de seus produtos — trabalhamos mais, para ganhar mais e consumir mais — a família, para cumprir seu verdadeiro papel de revalorização do homem, levando-o ao equilíbrio bio-psico-social no seio dela, precisa parar e recomeçar!

Que tal recomeçar com quem soube começar bem?

"O próprio Deus estabeleceu as relações familiares... A filosofia humana não descobriu mais do que Deus sabe... Quem pode melhor compreender todas as necessidades do que seu Criador? Quem pode sentir mais profundo interesse em seu bem-estar do que Aquele que as comprou com Seu próprio sangue?" (4)

Bibliografia

(1) Jackson - in "Terapia do grupo familiar" — Virgínia Satir
(2) White-Ellen G. —
(3)Ackerman-Nathan W. — "Behavior Trends and disturbances of the contemporary family"

(4)White-Ellen G. — Lar Adventista, 306.

VOLTANDO DO INFERNO

Keith W. Stump

Crônica sobre uma visita ao inferno, escrita por alguém que esteve lá.

No domingo, dia 12 de julho, fui ao inferno.

O sol de Jerusalém estava a pino quando me detive a examinar o mapa a fim de verificar o rumo a seguir; se minha situação estivesse correta, encontrava-me exatamente diante do umbral do inferno!

Acabava de sair da Cidade Antiga, pela porta do Muladar, uma das oito portas de antiga muralha turca. Segui para oeste pelo caminho que ladeia a muralha, circundei o que chamam monte Sião e logo desci ao inferno verdadeiro.

A "casa de Hades"

A idéia de que um mortal pode visitar o inferno e voltar, tem fascinado a imaginação de muita gente de diferentes épocas e culturas.

Desde a antiguidade existe a crença de que a morada dos mortos se encontra nas profundezas da Terra, que tem várias entradas na superfície e que se chega lá por meio de vulcões e rios subterrâneos. Os gregos e os romanos contavam em relatos fantásticos as histórias dos heróis que se haviam atrevido a passar esses portais aterradores e haviam penetrado no reino das trevas.

Uma das primeiras narrações deste tipo encontra-se em **A Odisséia,** poema épico de Homero (poeta do século VIII a. C.). Ele descreve as aventuras de Ulisses (Odisseo), rei de Ítaca que havendo-se perdido nos mares procurou sua pátria durante 10 anos depois da queda de Tróia. Em seu desespero, Ulisses achou um caminho que levava à morada dos espíritos dos mortos, e o fantasma de um vidente famoso disse-lhe como podia encontrar sua pátria.

O mundo subterrâneo descrito por Homero é um lugar sombrio e tenebroso que se encontra nos lugares secretos da Terra, aonde deverão ir quase todos os que morrem, exceto uns poucos que vão para os Campos Elíseos, um lugar onde todos vivem felizes. O Hades descrito por Homero, embora fosse um lugar tenebroso, não era, necessariamente, um lugar de castigo e tortura como o inferno tradicional dos cristãos e dos orientais.

Homero chamou o lugar dos mortos de "a casa de Hades". Na mitologia grega Hades era o rei do mundo das trevas e deus da morte. (Na mitologia romana era chamado Plutão). Hades passou a ser uma palavra comum para designar o mundo das trevas.

Os clássicos criam que havia cinco rios subterrâneos que corriam ao largo do Hades. O principal era o Estige, pelo qual o barqueiro Caronte atravessava as almas dos mortos. O Estige era realmente um rio que desaparecia debaixo da terra em um lugar da Grécia chamado Arcádia.

Em **Eneida**, poema épico de Virgílio, Enéas, o herói troiano, fugiu das ruínas fumegantes de Tróia depois da vitória dos gregos e conseguiu convencer o barqueiro Caronte a levá-lo à região do inferno onde consultou o espírito de seu pai. Enéas penetrou no mundo da escuridão por uma caverna que se achava ao lado de um lago mal cheiroso, perto de Nápolis, na Itália. Desceu por um caminho envolto em sombras onde encontrou muitas coisas assustadoras.

Virgílio, entre outros escritores clássicos posteriores a Homero, usou a palavra Tártaro em lugar de Hades; no entanto, nos escritos de Homero, o Tártaro é um lugar diferente abaixo do Hades, a uma distância igual à que este se encontra da superfície terrestre. Segundo a mitologia grega, Zeus, o deus, recolhia nesse abismo sem fundo aqueles que lhe ofereciam resistência.

O legendário Hércules, outro herói da Grécia antiga, segundo se cria, também desceu ao mundo inferior. Um dos seus famosos doze trabalhos consistiu em tirar do Hades o cão Cérbero, de três cabeças e cauda de dragão, temido guardião das portas do Hades.

Na antiguidade falava-se de muitos outros que fizeram a pavorosa viagem ao Hades. Entre eles destacam-se Teseu, de Atenas, o músico Orfeu, a princesa Psiqué e o gêmeo Pólux à procura de seu irmão Castor que havia morrido.

O Inferno

Talvez a "viagem" mais famosa de todas foi a de Dante Alighieri (1265-1321), poeta italiano da Idade Média. O poeta descreve sua viagem entre os condenados, no **Inferno,** primeira das três partes que compõem a **Divina Comédia,** que é relato das viagens imaginárias de Dante ao inferno, ao purgatório e ao céu.

É o espírito de Virgílio, o poeta romano, que guia Dante em sua visita ao inferno. A viagem começa na sexta-feira santa do ano 1300, num bosque de Jerusalém. Sobre a porta do inferno, os dois viajantes vêem uma inscrição assustadora que se tornou muito famosa: VÓS QUE AQUI ENTRAIS ABANDONAI TODA A ESPERANÇA.

Em sua imaginação, Dante é testemunha dos tormentos eternos dos maus.

O inferno que ele descreve tem vários níveis que descem em forma cônica sob a terra. As almas sofrem castigos de acordo com os pecados que cometeram. Os hipócritas, por exemplo, usam roupas brilhantes, mas estas são feitas de chumbo e não de tecido, e devem suportar seu peso eternamente. Os glutões estão condenados a ficar jogados para sempre como porcos em uma pocilga hedionda sob uma chuva fria. As descrições de Dante são vívidas e aterradoras.

Embora o propósito principal de Dante ao escrever o poema fosse satirizar pessoas e circunstâncias de sua época, seus conceitos teológicos estavam firmemente baseados no sistema teológico de Tomás de Aquino (1225-1274). A **Divina Comédia** é uma dramatização mais ou menos exata da teologia cristã medieval. Não faltaram ingênuos no tempo de Dante que cressem que este realmente havia estado no inferno! Sua obra impressionou e influenciou profundamente o pensamento cristão popular.

Um Campo de Concentração?

A imagem medieval do inferno que Dante criou, semelhante a um gigantesco campo de concentração dirigido por Satanás e seus anjos, um lugar espantoso de tormentos eternos, cujos horrores ultrapassam a imaginação, representa o conceito que ainda hoje muitos grupos que se dizem cristãos têm do inferno.

A idéia de um "inferno" se encontra de uma forma ou de outra, em todas as grandes religiões do mundo. Através dos séculos, bilhões de seres humanos viveram e morreram com a crença e o temor de que há um lugar de castigo e tormento eternos.

Atualmente, são muitos os que seguem perguntando: Existe em realidade o inferno? Irei eu parar ali? E muitos gostariam de saber como é o inferno.

Com estas perguntas em mente resolvi investigar o assunto e tentar uma visita ao inferno!

O segundo "inferno"

O segundo "inferno" de que fala a Bíblia é o tártaro, e só o menciona uma vez. (2 Pedro 2:4). Algumas versões da Bíblia não usam a palavra Tártaro do original grego, mas a traduzem como **inferno:** "Porque, se Deus não perdoou aos anjos que pecaram, mas, havendo-os lançado no **inferno,** os entregou às cadeias da escuridão, ficando reservados para o juízo".

O querubim Lúcifer (agora Satanás) e uma terça parte dos anjos criados (agora demônios) se rebelaram contra Deus e tentaram subverter Seu reino (Isaías 14:12-14; Apocalipse 12:4), porém foram expulsos do Céu (Lucas 10: 18) e lançados no Tártaro, um lugar ou estado de restrição que Deus lhes impôs, até que chegue o juízo final.

O Tártaro é então um "inferno" só para anjos maus, ou seja os demônios. É interessante notar que os gregos antigos usavam a palavra tártaro para indicar o lugar em que Zeus confinou os titãs rebeldes. Em toda a Bíblia não se encontra nem uma única referência a este tipo de "inferno" como um lugar ao qual os homens possam ser condenados.

O terceiro "inferno"

Até agora vimos que o Hades, primeiro "inferno" que a Bíblia menciona, é simplesmente a sepultura; que Tártaro (algumas vezes traduzido como inferno) é um lugar ou um estado de restrição para os demônios. Qual é o outro "inferno" que a Bíblia menciona?

Sem dúvida deve ser esse famoso inferno do qual tanto se tem falado onde o fogo arde sem cessar, lugar onde os condenados sofrem tormentos eternos.

Provavelmente, alguns leitores devem ter observado que certas versões da Bíblia usam a palavra grega **geena** no Novo Testamento, enquanto que outras a traduzem como inferno ou fogo eterno. O vocábulo grego **geena** vem do hebraico **gai hinnom** que significa vale Hinnom. Hinnom é um vale estreito que se encontra a sudoeste de Jerusalém. Foi esse "inferno" que visitei recentemente.

O que tem a ver esse vale com o conceito cristão tradicional do inferno? A resposta é surpreendente.

Três "infernos"

O ponto de partida para esta investigação seria, naturalmente, a Bíblia, pois os cristãos afirmam que foi desse livro que eles deduziram sua doutrina do inferno. Um estudo cuidadoso de suas páginas nos permitirá discernir as armadilhas teológicas dos mitos antigos e medievais, e nos dirá a verdade acerca do inferno.

Nossa primeira surpresa é que a Bíblia não fala de um, mas de **três "infernos" distintos** aos quais se refere com três palavras diferentes, a saber: **hades, tártaro** e **geena.**

A palavra hades, que aparece 11 vezes no Novo Testamento, equivale à palavra hebraica **sheol** e significa sepultura ou abismo (comparar Atos 2:27 com Salmos 16:10). **Hades** é simplesmente um fosso da terra; na Bíblia não tem nada a ver com fogo.

No sentido bíblico, a palavra **hades** se refere ao estado ou à morada dos mortos, mas não se refere a espíritos que vagueiam em uma espécie de "reino das sombras". O verdadeiro Hades é simplesmente a morada que chamamos sepultura. Todos os mortos vão para lá.

"Deus não Se deleita no sofrimento do homem."

Almoço no inferno

A Geena, ou vale de Hinnom, é um lugar agradável, até certo ponto. Nos últimos anos o pasto e algumas flores cobriram certa parte do vale. Há também árvores que dão sombra sob o ardente sol do Oriente Médio.

Desci ao vale por uma vereda pedregosa e poeirenta. Um cachorrinho saiu latindo e logo seguiu escavando a terra e fazendo um pequeno buraco no caminho. Não era Cérbero, o monstro de três cabeças. Embaixo, no vale, havia dois meninos jogando uma bola de futebol. Era meio dia e fazia muito calor; sentei-me à sombra de uma grande árvore para almoçar e os pássaros vieram buscar as migalhas. Aquilo parecia um parque de qualquer cidade. Depois do delicioso almoço, levantei-me, saí do vale e fui para a porta de Jafa. Lembro-me do vale como de um lugar agradável e tranqüilo onde me detive para descansar quando percorria Jerusalém a pé.

Em poucas palavras, a Geena está muito longe de ser o inferno de Dante, e de ser o que era nos tempos de Cristo.

O vale não foi sempre um lugar tão agradável. Nos tempos do velho Testamento era um lugar onde se praticavam cultos pagãos abomináveis os quais incluíam sacrifícios de crianças. Foi ali que os reis apóstatas Acaz e Manassés "passaram seus filhos pelo fogo" em oferta a Moloc. Esses ritos eram celebrados especialmente em Tofet, o "lugar abominável", uma das principais alamedas do vale.

Josias, rei de Judá, deu fim a estas abominações e profanou a Tofet, convertendo-o daí em diante, em um lugar cerimonialmente impuro (2 Reis 23:10). Mais tarde o vale se converteu num depósito de lixo, esterco, água suja e cadáveres de animais. Os corpos de criminosos desprezíveis eram queimados ali junto com o lixo. O fogo ardia sem cessar, alimentado com a provisão constante de lixo e de resíduos.

Uma parte do Acéldama, o "campo de sangue" que foi comprado com o dinheiro que Judas recebeu pela traição de Jesus (Mateus 27:8; Atos 1:19), estava situado no vale de Hinnom.

A Geena e o lago de fogo

Então, o que esse vale chamado Geena tem a ver com o "inferno"? Onde se encontra esse inferno ou lago de fogo?

O profeta Isaías escreveu acerca desse lago de fogo onde serão lançados a besta, o falso profeta (Apocalipse 19:20), e Satanás (Apocalipse 20:10):

"Com efeito, já há muito Tofet (no vale de Hinnom) está preparada — aprestada também para o rei — profunda e larga a sua pira; fogo e lenha em abundância! Como torrente de enxofre, o sopro de Iahweh a incendiará." (Isaías 30:33).

E o que acontece aos ímpios que morreram através dos séculos? Diz a Bíblia que estão sendo queimados atualmente como castigo por seus pecados? Não, absolutamente!

Onde estão atualmente os ímpios?

Na famosa parábola do joio, Jesus Cristo deixa bem claro que é no futuro e não agora que os ímpios serão lançados nas chamas: "Da mesma forma que se junta o joio e se queima no fogo, assim será no fim do mundo: o Filho do Homem enviará os Seus anjos e eles apanharão do Seu reino todos os escândalos e os que praticam iniquidade e os lançarão na fornalha ardente. Ali haverá choro e ranger de dentes." (Mateus 13:40-42).

De acordo com as palavras de Jesus, quando serão os ímpios lançados no fogo? "No fim do mundo".

Onde estão agora os ímpios?

A Bíblia ensina que os mortos, os milhares e milhões que viveram e morreram, sejam justos ou ímpios, não importa qual seja sua crença ou sua fé, neste momento estão todos em suas sepulturas: "dormem no pó da terra" (ver Jó 7:21). Jazem inconscientes debaixo da terra, no Hades, sem nenhuma percepção sensorial (Eclesiastes 9:5, 10). Dormem à espera do juízo que terá lugar no futuro. ...

A segunda morte

O que sucederá aos maus? Arderão eternamente nas chamas infernais?

Por acaso a Bíblia diz que o castigo dos maus será um tormento eterno?

Os maus serão **consumidos** no intenso calor do fogo que arderá na Geena que acabamos de identificar. **Serão consumidos, aniquilados, destruídos!** Este castigo será para sempre. Definitivo e final. A Bíblia o chama a "segunda morte" (Apocalipse 20:14; 21:8) da qual não haverá possibilidade de ressurreição.

A Bíblia ensina que haverá um **castigo eterno,** mas não um **eterno castigar.** Diz o apóstolo Paulo em Romanos 6:23: "O salário do pecado é a **morte"**, NÃO uma tortura perene no fogo do inferno! Morte é a cessação da vida. O profeta Ezequiel diz claramente: "A alma que pecar, essa morrerá" (Ezequiel 18:20).

O profeta Malaquias nos dá uma descrição gráfica: "Pois eis que aquele dia vem ardendo como fornalha; todos os soberbos, e todos os que cometem impiedade, serão como restolho; e o dia que está para vir os abrasará, diz o Senhor dos Exércitos, de sorte que não lhes deixará nem raiz nem ramo." (Malaquias 4:1) Aos justos diz o Senhor: Os maus "se farão cinzas debaixo das plantas de vossos pés" (Malaquias 4:3).

O apóstolo Paulo falou acerca do "ardor de fogo que há de **devorar** os adversários" (Hebreus 10:27). Jesus também falou que Deus "pode **destruir** a alma e o corpo no inferno (Geena)" (Mateus 10:28).

Estes e muitos outros textos da Sagrada Escritura não deixam sombra de dúvida! O inferno verdadeiro não é um lugar onde VIVEM os condenados, mas onde MORREM a alma e o corpo. É uma aniquilação total.

O fogo do vale de Hinnom, onde os maus perecerão, finalmente abrasará o mundo inteiro. Cobrirá toda a face do nosso planeta, purificará toda impureza e imundícia de todas as eras. Será um fogo que não se poderá apagar. Arderá até que se extinga por si mesmo, fundirá a terra e converterá em cinzas os corpos de todos os ímpios. Depois disso, esperamos, conforme a promessa de Deus, "novos céus e nova terra, onde habitará a justiça".

Uma solução misericordiosa

Esta é a sentença rápida e misericordiosa de um Deus misericordioso. O tormento dos maus será rápido; **deixarão de existir** na Geena de fogo. Deus, em Sua misericórdia, impedirá de uma vez por todas que eles continuem existindo num estado de miséria que eles mesmos se impuseram.

Deus não Se deleita no sofrimento dos homens. Não Se vinga de Seus adversários assando-os eternamente num campo de concentração subterrâneo. Quem garante que Deus, exercendo uma espécie de justiça "misteriosa", ordena que os homens sejam **eternamente torturados,** simplesmente não conhece a mente de Deus! A falsa idéia do inferno ensinada pelos cristãos tradicionais é de fato uma maquinação que vem da mente pervertida de Satanás!

A Bíblia revela um Deus muito diferente daquele que muitos pregam hoje em dia. No entanto, há milhões de pessoas que ainda estão enganadas por tradições e interpretações equivocadas e continuam imputando a Deus um caráter sádico que na realidade é o caráter de Satanás.

Deus não deseja que ninguém pereça; Ele quer que todos se arrependam e recebam a vida eterna. "O salário do pecado é a **morte,** mas o dom de Deus é **vida eterna** em Cristo Jesus, nosso Senhor." (Romanos 6:23).

Não há razão para viver atemorizado com a crença da tortura eterna. Louvado seja Deus!!!

Adaptação de um artigo publicado pela revista norte-americana "LA PURA VERDAD"

A MORTE

na perspectiva teológica judaico-cristã

Joraí Pereira da Cruz

Julgamos necessário fazer, como introdução a essa matéria, uma abordagem da gênese da vida, numa perspectiva bíblica, pois entendemos ser condição **sine qua non** na compreensão da problemática da morte.

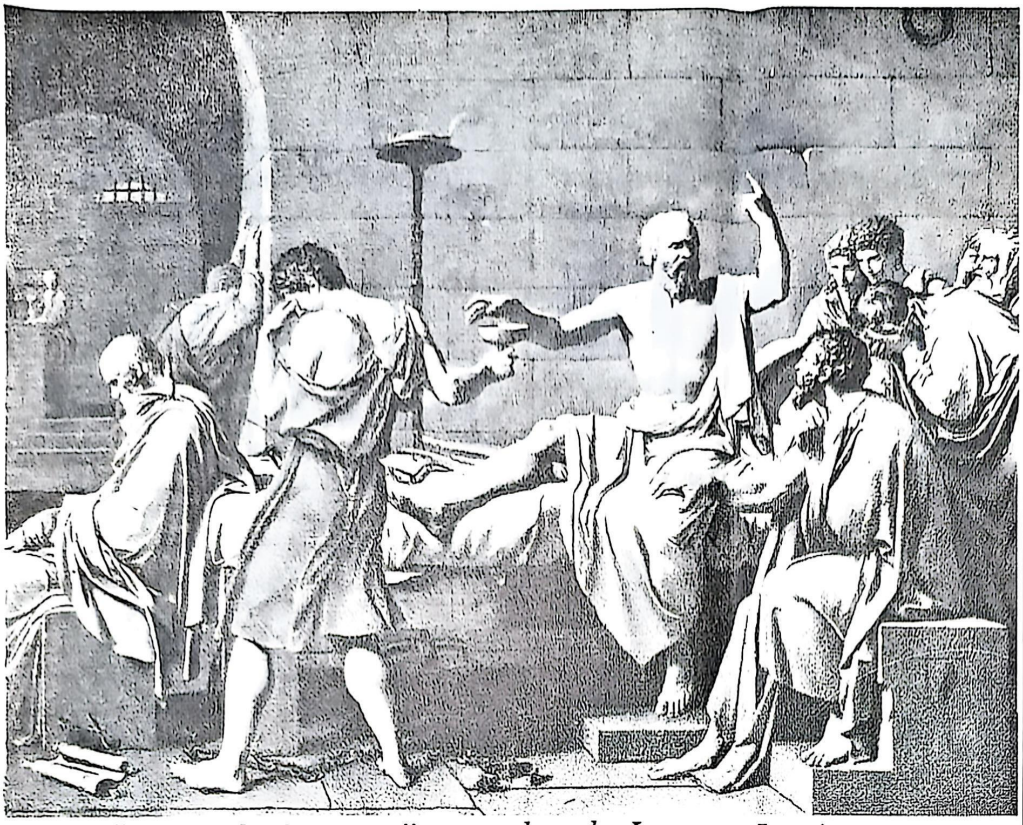
Na tradição bíblica o cosmo é criação de Deus e o homem, de modo especial, é o ápice da pirâmide da explêndida obra criadora. Etimologicamente, **ADAM** significa **o terreno** e deriva de **ADAMAH** = terra. **EVA,** derivado de **Havah,** significa **mãe dos homens.** Isto nos autoriza a entender a história de Adão e Eva como história primordial na qual está contida a história de toda a humanidade e de cada homem.

No texto bíblico referente à criação do homem, lemos: "Então Iahweh Deus modelou o homem com a argila do solo, insuflou em suas narinas um hálito de vida e o homem se tornou um ser vivente." Gn 2:7. O termo "hálito de vida" foi traduzido do hebraico **nephesch** sendo, na perspectiva judaico-cristã, sempre entendido por "força vital" que morre com a vida. A morte é o fim da vida simplesmente.

Nephesch por Psiquê

A problemática da questão anímica surge quando, na tradução do texto hebraico para o grego (septuaginta), o termo nephesch é traduzido por 'psiquê' cuja conotação grega difere totalmente da hebraica.

O conceito filosófico platônico-aristotélico do homem, estabelece o dualismo de corpo e alma (soma e psiquê) como princípios separados e distintos, enquanto na concepção bíblica o homem é uma unidade criada pela vontade divina. O teólogo católico Karl Hermann Schelkle, doutor em Filosofia e em Teologia, professor de Teologia do Novo Testamento na Faculdade



"Morte de Sócrates" - quadro de Jacques Louis David. O filósofo recebe a taça de cicuta.

Católica de Teologia da Universidade de Tubingen, destaca muito bem a diferença básica do conceito hebraico e grego:

"A filosofia grega, normativa para o tempo posterior, e que para nós é representada principalmente por Platão e Aristóteles, não só distingue mas também separa alma e corpo. A Alma é espírito e provém de uma ordem superior, enquanto o corpo pertence à ordem inferior da matéria. Platão tratou de provar que a alma é indestrutível e, por isto, imortal por essência. Está no corpo como um cárcere ou no sepulcro. A salvação da alma é a sua libertação do corpo.

"A concepção bíblica do homem é outra. Conforme ela, a pessoa humana é uma unidade criada pela vontade e a palavra de Deus. O homem está sempre fundado como um todo e como tal na palavra de Deus e é conservado pela vontade divina." **1**

É importante e necessário distinguir a visão antropológica bíblica judaico-cristã, da visão filosófica grega, pois é a partir de uma dessas perspectivas que se estabelecem nossos conceitos sobre a morte.

Partindo da concepção grega, a morte se afigura como ato vitorioso de libertação da alma do corpo. Isto está muito bem demonstrado na morte de Sócrates, pai e articulador da filosofia platônica. Condenado à morte sob acusação de corromper a juventude com sua filosofia, devia beber a taça de veneno preparado com a cicuta. Tendo-o ingerido até o fundo, seus discípulos, não se contendo mais, lançaram-se num pranto descomedido, sendo repreendidos e criticados pelo próprio Sócrates:

"Que estais fazendo? Que gente incompreensível! Se mandei as mulheres embora, foi sobretudo para evitar semelhante cena, pois, segundo me ensinaram é com belas palavras que se deve morrer. Acalmai-vos, vamos! dominai-vos." **2**

Suas últimas palavras, quando as pernas já estavam amortecidas, foram: "Críton, devemos um galo a Asclépio; não te esqueças de pagar essa dívida." **3**

"Não resta dúvida de que a tranqüilidade de Sócrates na morte, sua preocupação para que a dívida a Asclépio fosse paga, são frutos de sua compreensão a respeito do destino das "almas libertadas do exílio".

Segundo sua concepção, que se tornou normativa para a filosofia posterior, as almas dos virtuosos, daqueles cuja vida foi reconhecida como de grande piedade, são levadas para as alturas da morada pura, indo morar na superfície da verdadeira Terra! E, entre estes, aqueles que pela filosofia se purificaram de modo suficiente passam a viver absolutamente sem os seus corpos, durante o resto do tempo, e a residir em lugares mais belos que os demais.

As almas daqueles para quem a voracidade, a impudicícia, a bebedeira constituíram um hábito, as almas daqueles que jamais praticaram a sobriedade, a justiça, serão transmigradas para os corpos dos animais e aves, tais como: asno, lobos, falcões, etc...

Espiritismo moderno

Embora o espiritismo moderno tente se projetar numa camuflagem cristã, não é necessário muita inteligência para perceber que está totalmente fundamentado no paganismo filosófico grego. A teoria da reencarnação e a destacável filantropia espírita são os mais evidentes referenciais comprobatórios de nossa afirmação.

Navegam no mesmo barco as igrejas pseudo-cristãs que "transmigram as almas libertadas de seus corpos", quer seja para o céu ou inferno, limbo ou purgatório.

A despeito do processo de helenização do mundo, é evidente que, tanto Cristo como a Igreja Cristã Primitiva, conservaram e plenificaram a visão antropológica judaica. Foi a partir de meados do Século IV, princi-

palmente com Agostinho, que se tentou cristianizar a filosofia platônica. Aurélio Agostinho, sendo filósofo platônico convertido ao cristianismo, só pôde ler e interpretar os evangelhos e as cartas paulinas à luz das categorias filosóficas que lhe eram conhecidas.

A alma é mortal

Nosso propósito nesta matéria é mostrar que, apesar de toda tentativa, camuflagem, etc... de mesclar a perspectiva bíblica com as filosofias pagãs, ela permanece inalterada.

Biblicamente, o homem, como um todo, recebeu na criação, a imortalidade, condicionada, porém, à contínua e ininterrupta ligação com Deus que o criara, pois é o único, segundo S. Paulo, que tem a imortalidade. A quebra dessa ligação e conseqüente perda da imortalidade, se deu numa atitude de rebelião caracterizada pela desobediência à expressa ordem divina: "da árvore do conhecimento do bem e do mal não comerás, porque no dia em que dela comeres terás que morrer" Gn. 2:17.

Na sentença divina a Adão, após seu ato de desobediência: "No suor do teu rosto comerás o teu pão até que retornes ao solo, pois dele foste tirado. Pois tu és pó e ao pó te tornarás" Gn 3:19, está o conceito bíblico da morte: ausência do 'nephesch' ou fôlego da vida e o conseqüente retorno ao pó. Enfatizamos que, tanto na perspectiva vétero como neo-testamentárias, a presença da morte sempre se dá como salário do pecado.

Sócrates e Cristo

É a partir dessa concepção bíblica que entendemos o grande contraste da morte de Sócrates e de Cristo. Enquanto para Sócrates a morte foi recebida festivamente, para o Senhor Jesus foi precedida de um verdadeiro pesadelo. Sua ansiedade, angústia, agonia são inenarráveis. Estava pagando o mortal salário do pecado, e a separação dAquele que é imortal Lhe era grandemente penosa. A reação dos Seus discípulos foi totalmente diversa da reação dos discípulos de Sócrates, pois ficaram desapontados, desanimados. Perderam, inicialmente, toda esperança.

Nesse momento o leitor deve estar questionando.: "Então qual é a vantagem do cristianismo sobre o paganismo"? A vantagem está fundamentalmente no fato que, enquanto no paganismo o ato festivo está limitado à morte, no cristianismo se perpetua na eternidade mediante a ressurreição, não de um ser humano fragmentado, mas da pessòa na sua totalidade. Portanto, a ressurreição é a recriação do corpo e uma nova insuflagem do "hálito da vida" unicamente mediante ação divina.

Na perspectiva bíblica a solução divina para o problema da morte se realiza em dois planos: a) primeiro, eliminação da "causa-mortis" — o pecado; b) segundo, eliminação da própria morte mediante a ressurreição.

A imortalidade

Para que o mortal alcançasse novamente a imortalidade, seria necessário que um ser imortal como a lei transgredida, assumisse a mortalidade, e, no entanto, cumprisse rigorosamente as exigências da lei. Isto se tornou possível graças à iniciativa e mediação divina na pessoa de Jesus Cristo. Como ser humano cumpriu em toda sua espiritualidade a imutável lei do amor. Não sendo pecador pagou o salário do pecado, eliminando-o, assim, mediante a morte.

"Tanto Cristo como a Igreja Cristã Primitiva conservaram e plenificaram a visão antropológica judaica"

Sendo justo não podia ser presa da morte. Assim, Deus o ressuscitou corporalmente ao 3º dia, tornando-O, portanto, as primícias dos que "dormem". Seus discípulos transformaram-se em apóstolos, e testemunhas da ressurreição, e anunciadores da esperança da ressurreição de todos aqueles que nEle morrerem. Só então compreenderam as palavras de Cristo: "Eu sou a ressurreição e a vida. Quem crê em Mim, ainda que morra, viverá. E quem vive e crê em Mim jamais morrerá... Não vos admireis com isto: vem a hora em que todos os que repousam nos sepulcros ouvirão Sua voz e sairão; os que tiverem feito o bem, para uma ressurreição de vida; os que tiverem praticado o mal, para uma ressurreição de condenação." S. João 11:25, 26; 5;28, 29.

Foi essa doce esperança que levou João, o último dos apóstolos, a exclamar já no finalzinho da sua vida: "MARANATHA, Ora, vem, Senhor Jesus!" Apocalipse 22:20.

Bibliografia

1 Schelkle, Karl Hermann, Teologia do Novo Testamento, **V. 2, Ed. Loyola, São Paulo, 1975.**
2 Platão, Diálogo-Fédon, **Editora Abril, São Paulo, 1972.**
3 Op. Cit.

ESTAVA PERDIDO MAS FOI ACHADO

Isaías Siqueira Lima

Entre as parábolas contadas por nosso Senhor Jesus Cristo às multidões que O procuravam uma é digna de realce especial — "O Filho Pródigo".

Não sou eu quem faz essa distinção. Tampouco qualquer outra pessoa a faz. Por si mesma, pelo seu próprio enredo, estilo e natureza ela é a jóia das parábolas.

Não há ser humano, cristão ou pagão, bom ou mau, honesto ou desleal, erudito ou ignorante, que não seja, de alguma forma, envolvido por um ou mais detalhes dessa maravilhosa estória. Observe:

Vai tudo bem na grande fazenda do rico pai de dois filhos.

Muitas centenas de empregados correndo acima e abaixo para ministrar as rações a milhares de cabeças de gado ou para semear ou para colher e armazenar. Tudo tem que ser feito no dia certo e na hora exata. Cabe aos moços inspecionar o trabalho da comunidade. Todos os empregados respeitam os donos da fazenda que, por sua vez, prodigalizam a eles e às suas famílias uma provisão abundante. Ali está um pequeno paraíso; a fartura é cada vez maior e os cofres do escritório se abarrotam como resultado da comercialização dos produtos.

Mas não é só trabalho. Como efeito da sábia administração do velho fazendeiro há tempo de sobra para muita recreação. Ao final de cada semana um lauto banquete é oferecido por ele aos seus empregados e famílias. Têm lugar muita música e muita alegria.

Um dos rapazes resolve, agora, conhecer o mundo do outro lado da cerca da fazenda. Vem ano e vai ano e tudo não passa de um ciclo intérmino de trabalho, pensa ele. As festividades do fim da semana tornam-se monótonas. Os amigos da colônia já não lhe oferecem satisfação.

Planos fabulosos são assentados naquela mente vigorosa. "Vou viajar pelo mundo inteiro, conhecer as mais importantes cidades, fazer amigos em cada país, comprar tudo que não possuo. Dinheiro está sobrando; afinal sou dono da metade da fazenda".

"Meu pai, resolvi investir o meu capital, que por herança me cabe. Peço-te que me dês meus 50% e partirei".

Que impacto! O velho, mudo de espanto, só consegue fazer uma coisa — chorar. Parece-lhe que alguma megera enfeitiçou o filho. Conselhos de nada valerão, pois ele está decidido a levar avante o plano.

Os três administradores se sentam à mesa para calcular o valor da propriedade; é uma fortuna imensa.

"Aqui está a tua parte, meu filho. Eu ta iria dar nos próximos anos, quando a fazenda fosse maior e eu mais perto estivesse do tempo de me aposentar. Sou vigoroso ainda e penso trabalhar muito tempo. Vou ajuntar para teu irmão, visto que te ausentas agora. Vai em paz, meu querido; meus olhos te acompanharão até a última curva da estrada. Penso que nunca mais verei o teu rosto. Sinto-me miseravelmente desfilhado!"

Nenhuma dessas palavras é capaz de quebrar o feitiço produzi-

do pelo encantamento do mundo longe da casa paterna. Sai o jovem, muito feliz por ser verdade que é dono de muito dinheiro; parece que o mundo inteiro lhe pertence.

Passam-se os dias, as semanas e os meses e lá está o moço sempre rodeado de amigos; meretrizes nunca faltaram; iguarias e finas bebidas passaram para o seu cardápio diário e não sem a companhia dos que o poderiam fazer feliz. Realizados estão todos os seus sonhos.

Certo dia tudo fica diferente: nenhuma donzela ao seu lado, nenhum companheiro de copo, nenhum contador de estórias para fazê-lo dar gargalhadas. No dia anterior saíra da sua bolsa a última moeda, para nunca mais voltar. Chega a hora do almoço. Que almoço? Procura um emprego, em vão. Justo agora o país onde vive atravessa grave crise financeira; ninguém tem emprego para oferecer-lhe.

Felizmente, surge um "emprego": alguém o manda cuidar dos seus emagrecidos porcos. A fome faz com que ele comece a salivar quando contempla a comida daqueles animais imundos, mas mesmo esta pra ser sua deveria ser adquirida pela força, disputando com os suínos. A voracidade dos animais era maior que a agilidade do nosso personagem; assim sendo, após o "almoço" seu estômago estava tão vazio quanto antes.

Eis a hora ideal para "parar e pensar". Até então o moço estivera sonhando. Belíssimos castelos tinham sido erigidos dentro da sua mente. Agora, todos em ruínas. Seu corpo estava enfermo e enfraquecido por tanta orgia e dissipação, sua mente aviltada pelo pecado; sua vontade varonil sem vigor algum; sua moral, indigna de qualquer confiança, completamente minada.

Mas nem tudo está perdido ainda. Resta uma coisa e muito importante: a esperança de ser aceito na casa do pai, mas não como filho.

"Irei ter com meu pai e lhe direi: Pai, pequei contra Deus e contra ti. Já não sou digno de ser chamado teu filho. Quero ser teu empregado. Tu me aceitas?"

Como se uma corrente elétrica passasse pelo seu corpo alquebrado, essa feliz decisão o faz levantar-se com vigor e inicia a longa marcha da volta.

Sujo, maltrapilho, manquejante, cadavérico, emprega suas últimas forças na viagem de volta, agora a pé. Muitos dias iria gastar. Ele não conseguia explicar para si mesmo como era possível ter-se distanciado tanto. Parecia jamais poder chegar em casa. Durante a viagem titubeou inúmeras vezes, duvidando que as forças lhe fossem suficientes. Se andasse mais morreria de cansaço e se parasse iria de encontro à morte pela fome. Como era horrível o espectro da morte!

Morrer por morrer decidiu morrer de cansaço (a **decisão** é sempre a salvação; ela traz, em auxílio do cansado, as forças da reserva, que sempre são maiores do que pensamos).

Finalmente o nosso "herói" avista a casa paterna, a quilômetros.

Um estranho vulto faz palpitar muito forte o coração do ancião. Desde o dia da partida do filho jamais deixara de vigiar-lhe a volta. Muitas horas diárias eram empregadas em olhar ao longo da estrada, na esperança de vê-lo regressando. Dir-se-ia que o velho iria enlouquecer, pois já chegava a ter "visões" do fato que aguardava. Muitas vezes correra até a porteira mais distante só para depois voltar cabisbaixo, chorando — não era o filho mas, sim, um viandante. Às vezes ninguém estava chegando mas o pobre pai "enxergava" seu filho vindo.

Agora, porém, é verdade; o jovem filho está voltando.

"Será meu filho? Não posso acreditar!

"É ele! Não, não pode ser! Fizesse Deus com que fosse! Mas é mesmo, em carne e osso!"

O velho pai corre agora com força de moço ao encontro do filho. Abraça-o e cobre-o de beijos, sem perceber que está sujo e mal-cheiroso. Antes que alguém o veja roto tira a sua linda e custosa capa e envolve o rapaz.

"Pai, pequei contra Deus e contra ti e não devo ser chamado por ti de filho..." Foi interrompido pelo pai no meio da frase. Não lhe foi permitido enunciar a petição de ser feito empregado. Era filho e como tal deveria ser readmitido.

"Trazei depressa a melhor roupa para ele, ponde-lhe sapatos nos pés descalços, o meu anel em seu dedo. Matai o boi mais gordo e preparai um grande banquete. Este meu filho estava perdido, mas foi achado". Ninguém mais trabalhou naquela tarde a não ser em preparativos para a grande festa de comemoração à volta do filho do seu senhor.

Caro leitor, talvez você diga que essa estória esteja mal contada, pois não está dessa forma escrita na Bíblia. De fato, mas lembre-se: é uma parábola. O Mestre dos mestres abria a Sua boca em parábolas. Seus ouvintes sabiam que não eram reais os fatos contados dessa forma. Não os acontecimentos narrados lhes interessavam mas, sim, as lições neles contidas, e era esse o objetivo de Cristo.

Na parábola do "Filho Pródigo" o velho pai representa Deus, que tudo fez e faz para reerguer os Seus caídos filhos. Creio que o resto não seja necessário eu dizer para que você e eu nos situemos dentro da parábola.

FALA SEMPRE A VERDADE

Benjamin West, que foi presidente da Academia Inglesa de Pintura e sócio correspondente do Instituto de França, contava a seguinte história:

—Foi minha mãe quem fez de mim um pintor, e o que é muito mais valioso, um homem honrado, amante e temente a Deus. Ensinara-me ela, quando criancinha, a orar.

—Quando eu cometia uma falta, animava-me a confessá-la e a sofrer resignadamente o castigo que eu merecia.

—Um dia, a criada acusou-me de ter quebrado uma vidraça. Na verdade, eu jogara bola no quarto e tinha uma vaga idéia de ter projetado a bola em direção à janela, cometendo a falta; mas a criada, irritadíssima, ao ver-me retraído, chamou-me de mentiroso. Logo a princípio, declarara eu não ter partido o vidro, e teimei, porque não é fácil recuarmos quando tomamos o caminho da mentira.

—Minha mãe entrou. Fitou-me com insistência e, pondo-me a mão no ombro, disse:

"Meu filho, Deus está a ver-te. Não ocultes a verdade.

—Baixei a cabeça. Parecia-me

"Sim, mamãe, fui eu"

sentir os olhos de Deus e de minha mãe pesarem sobre mim. Depressa me resolvi, alcei a cabeça, e disse:

"Sim, mamãe, fui eu que parti a vidraça".

Um jornal norte-americano trouxe certa vez a história de um soldado da guerra de secessão, apresentando-o como notável exemplo de um cristão que, mesmo em seu próprio prejuízo material, nunca era capaz de dizer uma mentira.

Achava-se ele no General Hospital de Washington, com uma perna ferida, ainda longe de poder ser considerada como curada, quando lhe chegou a notícia de que sua esposa estava muito enferma e desejava vê-lo. Obteve licença e salvo-conduto para fazer uma viagem em visita à família. Em caminho, porém, os documentos lhe foram roubados do bolso, de modo que ele estava agora em perigo de ser preso como desertor. Além disso, não tinha os meios necessários para continuar a viagem.

Havendo descido por alguns minutos, em Philadelphia, o jovem andava muito triste, cabisbaixo, ao longo da plataforma, esperando o sinal de partida do trem. De repente ele pisou nalguma coisa que parecia ser um envelope contendo papéis. Apanhou-o imediatamente, abriu-o, e verificou que eram a licença e o salvo conduto de outro soldado. Um dos seus companheiros, que bem conhecia o motivo da sua aflição, aconselhou-o a usar esses documentos como se fossem seus próprios. "Você os achou" disse-lhe o companheiro, "ne-

nhum chefe de trem sabe como você se chama; é a única oportunidade que você tem de chegar até sua casa; só se você for bobo é que deixará de usá-los".

Mas o jovem tinha princípios cristãos. Além disso, lembrava-se de que sua esposa enferma, a quem ele muito desejava ver, lhe tinha dito na despedida, quando ele partiu para a guerra: "Prefiro ouvir que morreste no campo de batalha, ou no caminho, a ouvir que fizeste algum mal, apartando-te dos retos princípios."

Lembrava-se também da sua piedosa mãe, que, assim como sua esposa, por ele sempre orava, e sentiu que não podia chegar em casa, e nos olhos delas fitar os seus, a menos que estivesse com a consciência limpa e a honestidade ilesa. Disse, pois, ao seu companheiro: "Nunca, nunca chegarei em casa com um nome falso."

Manquejando, ele andou de carro em carro, até encontrar o dono, a quem entregou os documentos achados. Foi então à Junta Sanitária e expôs seu problema ao general. Telegrafaram para Washington e logo veio a confirmação de que ao soldado Fulano de Tal haviam realmente sido concedidos uma licença e um salvo-conduto. O general lhe forneceu um certo certificado nesse sentido, e o agente da assistência social lhe deu dez dólares bem como alguns bilhetes mediante apresentação dos quais ele teria acesso a diversos alojamentos do exército, onde encontraria pousada, comida e assistência médica, sem despesas, em caminho para casa. E assim o jovem voltou ao seio dos seus queridos com uma consciência não violada por qualquer recurso à falsidade.

"A mentira", dizia o Pe. Antônio Vieira, "é filha primogênita do ócio. Quem está ocioso não tem mais o que fazer que pôr-se a imaginar; da ociosidade nasce a imaginação, da imaginação a suspeita, e da suspeita a mentira".

Quem profere uma mentira não calcula a pesada carga que sobre si toma, pois tem de inventar muitas outras para sustentar a primeira. E, finalmente, ela só prejudica ao mentiroso. Breve ele é desmascarado. As mentiras têm pernas curtas, diz um provérbio.

Dizia Coelho Neto:

"A mentira é um manto esfarrapado e curto, que não consegue jamais esconder a verdade. A mentira é como uma baforada de fumo que logo se desmancha no ar."

"A falsa testemunha não ficará inocente, e o que profere mentiras não escapará", escreveu Salomão. Pv 19:5.

"A mentira", dizia Francis Bacon, "revela alma vil, espírito apoucado e caráter viciado".

Os grandes homens conhecidos na história eram acostumados a falar sempre a verdade. Mentindo, não poderiam ter-se tornado grandes homens.

Fala, pois, sempre a verdade, e terás êxito na vida.

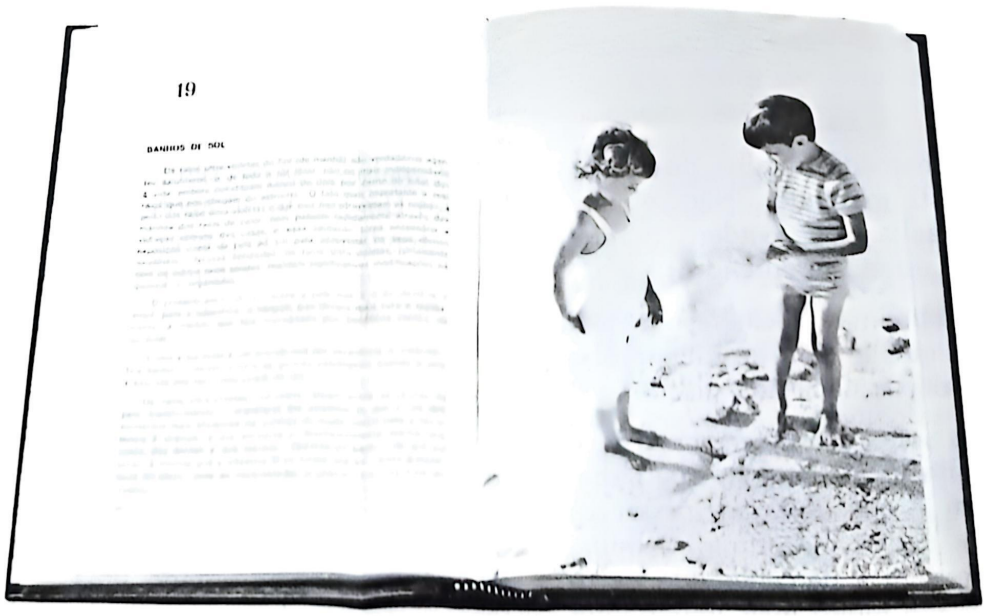
(Como ter Êxito na Vida — A. Balbach)

MEUS FILHOS

Uma orientação segura para a educação de seus filhos.

Peça catálogo à nossa Editora.

escreva para EDEL - Cxa. Postal 48.321 -01000 São Paulo, SP



A BATALHA DOS SEXOS

NOS ESTÁ MATANDO!

Sheila Graham

A chamada batalha dos sexos nos está matando. Não se trata de ganhar ou perder, porque todos estamos perdendo.

Muitíssimas mulheres sentem hoje que a vida passa por elas sem deixar nada de valioso.

As solteiras querem casar-se e ter filhos. As casadas que trabalham e que deixaram passar os anos sem constituir família, começam a perceber que os filhos são muito mais importantes para elas do que pensavam.

Nos países, por exemplo os Estados Unidos, vê-se agora uma nova tendência no sentido do fortalecimento da família e do aumento do número de filhos.

Troca de Orientação

Cabe perguntarmos se vai haver um repentino ressurgimento da família tradicional, em que o pai provê o sustento e a mãe cuida da casa. Parece inacreditável mas tem-se notado uma reação inevitável contra aquela demagogia feminista que se opunha aos valores da família e do lar.

Há alguns anos, as líderes do movimento feminista colocavam suas ávidas discípulas em busca de um objetivo mágico: a "auto-realização". Agora, quase duas décadas depois, as mulheres estão compreendendo que nem assim conseguiram realizar-se de maneira verdadeiramente satisfatória.

Houve muitas mulheres (e mais homens ainda) que repudiaram desde o princípio a retórica extre-

Como devem os homens tratar a nova mulher?

mista das mais radicais que se opuseram com intransigência à maternidade e à vida do lar, trocando-as pelos aparentes benefícios, de uma carreira ou profissão. No mundo ocidental, as crescentes demandas feministas têm tido uma profunda influência em quase todos os países.

Agora, a norte-americana Betty Friedan, que em 1963 escreveu **The Feminine Mystique** (O Ideal Feminino — livro que, segundo se diz, inspirou o movimento feminista), reconhece que se enganou ao dizer que uma carreira deveria ter prioridade sobre a vida do lar e a maternidade. Agora está dando uma nova orientação, e seu livro mais recente, entitulado **The Second Stage** (A Segunda Etapa), explica que a primeira etapa do movimento feminista terminou. E reconhece: "Agora escuto os que antes não quis escutar: os temores e pareceres de alguns que se opuseram ao nosso movimento".

A raiz dessa mudança de opinião, a Sra. Friedan, mãe de três filhos, tem recebido críticas da parte de outras feministas; contudo, insiste em afirmar:

"As feministas radicais têm apresentado muita retórica contra a família... mas muito disso foi de alguma maneira torcido até que chegou a se transformar em uma rejeição **a priori** (à família tradicional), rejeição cujos efeitos negativos não foram considerados. Pareciam dar a impressão de que a carreira e a profissão eram as únicas coisas importantes e... subestimou-se aquela parte da mulher que se define em termos de amor e criança." (**The Christian Science Monitor,** 10/12/81).

Mesmo que a Sra. Friedan e outras feministas assegurem que nunca foi sua intenção negar a família ou rotular o homem de "inimigo", isso foi exatamente o que aconteceu. O distanciamento entre os sexos, que variava entre guerra estridente e suspeitas declaradas ou insinuadas, tem sido apenas um dos frutos negativos daquele movimento. A reviravolta dada às idéias e aos valores tradicionais tem sido tão grande que tanto homens como mulheres se acham confundidos.

Como Tratar a Mulher?

Os homens do mundo de hoje se acham desconcertados. Como devem tratar a "nova" mulher? Há aquelas que reagem ofendidas diante de um gesto cavalheiresco, enquanto outras lamentam que "o cavalheirismo está acabando".

Como dirigir-se a uma mulher que escalou certas posições em um mundo tradicionalmente masculino? Há os que pensam que o feminino é agora sem grande importância e recorrem a disparates "neutros" como "Senhora Presidente" ou "Senhora Primeiro Ministro".

O que querem as mulheres? Uma carreira, uma família... ou ambas? Muitas vezes, nem elas mesmas estão certas do que querem. Elas também estão confundidas, especialmente as que acolheram os movimentos mais radicais de liberação feminina.

Também entra aqui o quadro da natureza humana. Antes, lamentavam-se aquelas mulheres de gerações passadas que eram "escravas do lar". Agora, temos também "escravas": mulheres que não podem permanecer em casa porque as pressões sociais e econômicas não permitem.

A mulher moderna está acossada por pressões que sua mãe e suas avós desconheceram. Não só seus amigos e vizinhos mas, em muitos casos, também seus maridos esperam que elas trabalhem fora. Em tais circunstâncias e sob tais pressões, a vida caseira lhes parece muito mais aprazível.

Lamentavelmente, a mulher que trabalha já não tem tempo para estar com seus filhos e nem compartilhar seus interesses. Não tem tempo para dedicar-se ao esposo, não tem tempo para fazer exercícios, nem para fazer aquilo de que gosta. Tudo isso se transformou em luxo. As mulheres queixam-se de não ter tempo para suas coisas... e é certo, porque estão escravizadas por um estilo de vida exigente e cheio de pressões... muitas vezes por razões econômicas que estão agora fora de seu controle.

Tradicionalmente, dir-se-ia que não mais de 25% da renda mensal deveria ser gasto com aluguéis, prestações e impostos; este, porém, é um ideal difícil de ser alcançado pela maioria das família de rendimentos médios, o que vem tornando cada vez mais difícil a aquisição de sua casa própria. A maioria das famílias não ganha o suficiente para cada realização, e as mulheres sentem-se obrigadas a permanecer nos seus empregos. São

muitos os casais que se casam com o acordo de ambos trabalharem mesmo depois do nascimento de filhos. Seus sonhos otimistas do futuro estão baseados nesta premissa.

Alguns casais, desde logo, têm sonhos mais otimistas que outros. Querem o êxito e todos os bens materiais que o acompanham, e não querem esperar muito tempo para alcançá-los.

"É hora de fazer uma trégua nessa guerra insensata..."

Alcançar o que este mundo define como **êxito** tem um preço alto e muitas vezes exige o sacrifício de princípios. Alguma coisa anda mal em um sistema que obriga homens e mulheres a converterem-se em maníacos do trabalho, passando por cima de seus amigos no afã de riquezas, deixando em seus passos os fragmentos de uma família destroçada. Ninguém, homem ou mulher, deve ceder à força da cobiça na sociedade materialista que nos rodeia.

Um Necessita do Outro

O mais e incrível de tudo é que homens e mulheres se necessitam mutuamente. Ninguém deve pretender enfrentar sozinho o mundo vertiginoso e alienado de hoje. Todos necessitamos de alguém que nos anime quando estamos tristes, e que nos fale com sinceridade de nossas próprias falhas. Alguém com quem repartir as dificuldades e alegrias da vida, e que estará presente anos depois para compartilhar as recordações do passado.

O homem precisa da mulher e a mulher precisa do homem e ambos devem saber que alguém precisa deles dois. Essa necessidade recíproca deve reforçar-se constantemente. Uma razão pela qual o movimento de liberação feminina desuniu tanto, foi que desconheceu aquelas necessidades tão profundamente humanas que ligam o homem e a mulher.

O ser humano precisa de alguém que o ame, aprecie, estime. A maioria dos mal-entendidos entre homens e mulheres poderiam ser evitados com o reconhecimento e a expressão adequada dessas necessidades. Esse reconhecimento franco suscitaria apreço e respeito e contribuiria muito para curar velhas feridas.

É hora de fazer uma trégua nessa guerra insensata em que não há ganhador. É hora de reagrupar, hora de entrar em negociações pacíficas, hora de seguir adiante para reconstruir e preparar o futuro. Mas nada disso será possível se não abandonarmos o caminho egoísta do "receber" para cultivar o caminho do "dar": de amor e generoso desejo pelo bem-estar do outro.

Não será fácil. Para alguns serão necessárias decisões valorosas; para outros, mudanças inusitadas do estilo de vida e conversas profundas entre marido e mulher, nas quais poderão planejar a longo prazo e alcançar um profundo grau de introspecção e entendimento.

O que deseja cada um em sua vida, e que pretendem conseguir unidos, como unidade familiar?

Em vez de tomar diferentes direções, desmembrando a família, os dois poderiam trabalhar juntos, cada um contribuindo com seus talentos e sua capacidade para alcançar um objetivo comum.

"Escrava do lar"?

A Auto-Realização: Um Engano

Esqueçamos a auto-realização. A "realização da mulher" tem-se convertido em uma obsessão e grande parte do problema se deve à procura infrutuosa de tão escorregadia meta. Como não se frustraria a mulher que todos os dias se pergunta: Estou feliz? Estou realizada?

Homem e mulher, solteiro ou casado, que não tenha outro propósito na vida senão a satisfação própria, acabará se tornando infeliz.

Por que estamos aqui? Qual é o propósito de nossa existência? É só casar e ter filhos? É alcançar um alto nível profissional depois de anos de estudos e experiências, sacrificando, porém, a saúde e os princípios só para chegar ao ápice em alguma profissão?

Quem põe os olhos nessas metas temporais, crendo que elas darão sentido e felicidade à vida, cairá preso na mesma armadilha que tem caído a maior parte da sociedade.

Mulheres: a solução não está em lutar contra os homens. Todos temos que sair adiante, e para o conseguirmos, precisamos uns dos outros. Verifique você qual é o propósito de sua existência.

Traduzido de "La Pura Verdade" - abril/82

QUANDO sairá você das dívidas?

Cada um de nós precisa saber como manejar as finanças pessoais, como sair de dívidas e como pôr em ordem as despesas.

É muito possível que você, leitor, esteja endividado neste momento. Talvez uma boa parte de sua renda mensal se vá no pagamento de compras feitas a crédito e financiamentos e, quando tiver saldado as dívidas atuais, terá outras novas. Muitas pessoas não chegam a vislumbrar o dia em que estejam livres do castigo do endividamento e das crises econômicas.

Ademais, é muito possível que você esteja amortizando sua casa, seus móveis, seu automóvel.

Tudo isso acontece através do cômodo sistema de compras a crédito. Milhões de famílias em todo o mundo estão acumulando obrigações cada vez que compram alguma coisa a crédito, e milhares delas se arruinam a cada ano.

Isso é uma tragédia econômica!

Como é que essas famílias chegam ao ponto do colapso econômico? Por surpreendente que pareça, a maioria delas são famílias simples.

Não são multimilionários que "quebram" por maus giros de seus fabulosos negócios. A maioria são pessoas de classe média, com emprego estável e com despesas e obrigações bem previsíveis.

Como se chega à falência

Analisemos a família "comum e moderna". Talvez a sua, caro leitor, se enquadre nessa descrição ... ou talvez você tenha evitado erros que tantos têm cometido.

Nos últimos anos, as compras a crédito se têm convertido em parte da vida diária. Incontáveis pessoas levam em sua carteira um ou mais cartões de crédito, não somente para comprar mas também para garantir sua solvência e conseguir que muitos estabelecimentos comerciais aceitem seus cheques.

Conseguir um cartão de crédito não é coisa difícil e, uma vez que o tenhamos, nos deixamos arrastar por sua propaganda fascinante que nos seduz, na tela do televisor e páginas dos jornais e revistas, e nos lançamos à compra de roupas, móveis e toda classe de objetos que necessitamos ou cremos necessitar.

Um casal récem-casado pode manter seu lar em questão de semanas. Para que esperar? Compre e pague em três ou quatro anos! Desfrute de um modelo novo, de sofá, um moderno dormitório e, desde já, as coisas mais "indispensáveis": uma geladeira e um aparelho de som.

Tudo parece tão barato! Uma pequena cota mensal nos dará o precioso traje que ansiávamos. Outra pequena cota nos permite comprar os móveis. A máquina de lavar, se consegue sem entrada ... e há mais: a prestação do carro, os gastos mensais com gasolina e manutenção e toda uma série interminável de despesas que nos levam a endividar-nos além do razoável.

Sem nos dar conta de quando nem como, a agência que nos vendeu o automóvel a longo prazo vem buscá-lo de volta por falta de pagamento e uma agência de cobranças passa a nos enviar cartas ameaçadoras. Vem o pânico ... e a falência.

As compras a crédito: sistema antiquíssimo

O endividamento por compras a prazo não é nada novo. Os

babilônios, os celtas e outros povos soíam estender o crédito. Sendo o povo norte-americano o principal adepto desse sistema, não é estranho que os primeiros colonizadores desse país hajam comprado suas passagens no barco **Mayflower** a prazo!

Em meados do século XX, teve início uma alarmante tendência, não só nos Estados Unidos, senão em outros países industrializados e, em menor grau, nas nações em desenvolvimento. A explosão do crédito ao consumidor deu como resultado que a dívida privada desse tempo nos países industrializados ultrapassou o total da dívida privada de toda a humanidade em **toda a História!** Jamais houve tanta gente com dívida tão alta. Nunca havia sido tão grande o lucro com essas dívidas.

O homem moderno tem-se lançado em um mundo espetacular de luxo e facilidade ... ainda que tenha que pagá-los mês após mês com a esperança de que esse mundo deslumbrante que o rodeia possa ser seu um dia. Como vão as coisas, isso não é muito provável! A maioria das famílias que vivem assim seguirão endividando-se e penhorando-se para os anos que virão.

E você?

Você, leitor, talvez pertença a uma família "moderna comum". Talvez esteja entre os que se deixaram apanhar pelo torvelinho voraz das compras a crédito.

Onde se encontra agora?

Não poucas famílias vivem com o temor de que seu mundo financeiro desmorone. Depois de longos meses acaba de pagar o automóvel, a geladeira e o equipamento estereofônico, mas o afã de continuar adquirindo coisas pode mais que o sentido da responsabilidade de saldar as dívidas antigas antes de contrair dívidas novas.

Devemos refletir e ver aonde nos leva tudo isto. E devemos compreender que não se pode continuar assim indefinidamente. Temos que aplicar a autodisciplina para planejar e realizar acertadamente.

Começando a resolver o problema

Enquanto o mundo esbanja milhões em seu afã de comprar a crédito, paremos para questionar: Onde tem estado Deus em todo esse tempo? Há na Bíblia leis e princípios que nos digam como manejar o dinheiro? Poucos saberiam responder.

A poucos ocorreria a idéia de consultar a Bíblia para saber se as compras a crédito são boas ou não. E se esse pensamento lhes ocorreu, o mais provável é que não sabiam onde buscar. Muitos ririam ante a idéia de esquadrinhar as Escrituras antes de manejar os assuntos econômicos e o orçamento familiar.

Não há um só aspecto da vida que a Bíblia não mencione ou sobre o qual não nos dê uma orientação básica. Isso inclui as finanças pessoais, pois a Bíblia tem muito que dizer a respeito do dinheiro.

Portanto, quem pretenda endireitar sua situação econômica deve começar por consultar a Palavra de Deus.

Vamos à fonte.

O apóstolo João, inspirado por Deus, escreveu: "Amado, desejo que te vá bem em todas as coisas, e que tenhas saúde, assim como bem vai a tua alma". III João 2. O desejo de Deus é que tenhamos uma vida plena e transbordante, uma vida em que abundem a saúde e a prosperidade.

Jesus afirmou que havia vindo, entre outras coisas, "...para que tenham vida, e para que a tenham em abundância". João 10:10.

Dificilmente podemos desfrutar de uma vida feliz, abundante e próspera se estamos endividados até o alto da cabeça. Devemos buscar o caminho que leva à estabilidade econômica.

Colocar a Deus antes de tudo

A primeira lei da tranqüilidade e estabilidade econômica é colocar a Deus antes de tudo: não acudir-nos a Ele somente no último esforço para salvar-nos da catástrofe iminente. Estudemos, desde agora, o que faremos.

Agora, se você, leitor, já se encontra a caminho da ruína econômica, a única coisa que resta fazer é exercitar o método divino. Mas também os recém-casados, cujas dívidas ainda não se acumularam além do razoável, precisam evitar um desastre futuro.

Qualquer que seja nossa situação — estejamos profundamente endividados, ou já estejamos falidos ou estejamos apenas começando a ganhar dinheiro e a manter nossa família — necessitamos que o caminho de Deus ocupe o lugar de maior importância ao planejar nosso futuro.

Poucos se detêm a pensar que a terra que aram, que a fábrica onde trabalham, o lar onde vivem, pertencem, em realidade, a Deus. Ao homem comum, não ocorre pensar que o pagamento que recebe por seu trabalho pertence inteiramente a Deus.

Deus nos dá a terra, a água e os recursos naturais que tornam possível nossas diversas atividades. Dá-nos o alimento que comemos, o ar que respiramos e a água que bebemos para podermos trabalhar. O Universo, a Terra e tudo o que há neles, e mesmo os edifícios que nós mesmos construímos, pertencem ao Criador Todo-poderoso do Céu e da Terra!

Concluímos então que nada do que fazemos ou possuimos é nosso em realidade. **Tudo** pertence a Deus.

Contudo, Deus é generoso e

não tem exigido que Lhe entreguemos tudo. Pelo contrário, nos tem dado tudo a fim de que o aproveitemos. O homem pode arar, lavrar e utilizar a terra como deseja e como melhor lhe convenha. Deus instituiu **leis** segundo as quais o homem **deve** fazer tudo. Mas não nos força a fazer da maneira correta — a decisão é nossa.

Em Deuteronômio 30:19 encontramos a alternativa que Deus nos propõe: "Os Céus e a Terra tomo hoje por testemunha contra vós, que te tenho proposto a vida e a morte, a bênção e a maldição; escolhe, pois, a vida, para que vivas tu e a tua semente."

Há dois caminhos possíveis: um leva à maldição, enfermidade e desastre econômico; o outro é o caminho de Deus, que nos dará uma vida tal como deve ser. E a vida, como deve ser, inclui bênçãos econômicas.

A pergunta, entretanto, continua em pé: Queremos seguir o caminho de Deus? A pessoa que vai a caminho do desastre econômico, evidentemente está gastando mais do que ganha. O operário de uma fábrica não tem meios para viver como um executivo, e, se tentar, não passará o primeiro mês. Por sua parte, o executivo não pode gastar o que ganha um magnata.

Sejam nossos ganhos altos, médios ou pequenos, é preciso que controlemos a maneira de gastá-los.

Os 10% de Deus

Tal como está estruturada nossa sociedade, a maioria das pessoas recebe um ordenado ou salário como remuneração por seu trabalho. Trate-se de um operário, um escriturário, um homem de negócios ou um banqueiro, cada um recebe dinheiro em troca de seu esforço.

A razão por que muitos fracassam é que **ninguém lhe ensinou o caminho correto.** Nunca aprenderam o que se afirma em Malaquias 3:8-9: "Roubará o homem a Deus? Todavia, vós Me roubais, e dizeis: Em que Te roubamos? Nos dízimos e nas ofertas alçadas. Com maldição sois amaldiçoados, porque Me roubais a Mim, vós, toda a nação."

Não nos esqueçamos que o dono na Terra é Deus. Tudo Lhe pertence! Mas Ele nos concede 90% do que produzimos trabalhando a terra ou nosso emprego. Pensemos. Tão generoso é Deus que nos dá **90% de tudo o que a terra produz.**

Mas Deus estipula que devemos entregar-Lhe fielmente os 10% que são Seus. Este dízimo (que significa 10%) é **para uso dEle**, e não podemos dispor dessa importância para nosso próprio uso. Os homens, ignorando isso, estão roubando a Deus e se colocam diante da perspectiva do desastre econômico.

Olhemos ao nosso redor e vejamos se esta afirmação das Sagradas Escrituras está-se cumprindo ou não. Malaquias nos dá um conselho positivo e seguro no campo econômico. Seus escritos foram preservados para nós. Não estão antiquados, mas, pelo contrário, são muito atuais. Quem estiver disposto a seguir este conselho colherá abundância e prosperidade. O versículo 10 diz: "Trazei todos os dízimos à casa do tesouro, para que haja mantimento na Minha casa, e depois fazei prova de Mim, diz o Senhor dos Exércitos, se Eu não vos abrir as janelas do Céu, e não derramar sobre vós uma bênção tal, que dela vos advenha a maior abastança."

Esta é uma promessa de Deus para nós, e nos desafia a que O provemos. Milhares e milhares de pessoas estão descobrindo que, ao seguir o caminho de Deus, reconhecendo o dízimo como Seu e dando ofertas com liberalidade, Ele também corresponde cumprindo Suas promessas.

O dízimo nos ensina a planejar

Manejar as finanças da família é algo mais que sentar-se e esperar que Deus faça brotar dinheiro nas árvores de nosso jardim. Não conhecemos nenhum caso em que isso tenha ocorrido ... e sabemos que não ocorrerá. Mas Ele nos abençoará se, com diligência, seguirmos Seu caminho.

Deus disse: "O obreiro é digno do seu salário". Não disse que terá riquezas o homem que se assenta e cruza os braços.

Quando começamos a dar a Deus o Seu dízimo, Ele começa a dar-nos segundo julga conveniente. Temos, porém, que aprender a **controlar** nossas despesas. Não é muito provável que Deus nos faça duplicar o salário tão logo nos dedicamos a pagar o dízimo. Primeiro, precisamos aprender a manejar nosso atual salário.

O dízimo nos ensina a fazer um orçamento: nos ensina a dividir os ganhos e as despesas por porcentagem.

A primeira coisa que devemos fazer ao receber nosso pagamento semanal, quinzenal ou mensal é entregar a Deus os dez por cento que Lhe pertencem. Na maioria dos países, o governo retém uma soma por conta de impostos. É bom lembrar, entretanto, que o dízimo deve ser calculado da renda bruta, e não do que sobra dos impostos.

Deus nos concedeu o controle sobre os 90% restantes. Por conseguinte, é responsabilidade nossa o seu manuseio. Quando começamos a dizimar como Deus manda, vemos que os 90% nossos alcançam mais do que alcançavam antes os 100%. Talvez isso pareça difícil de entender. Mas é assim porque tomamos decisões mais prudentes e porque Deus nos abençoa por nossa obediência.

As regras básicas

Tomada a decisão de conduzir nossas finanças como Deus ordena, temos já um ponto de partida. A maneira como controlaremos aqueles fundos que restam depois dos dízimos e ofertas e depois dos impostos, vem a ser questão de disciplina e bom senso. Há certas regras que devemos seguir para alcançar êxito nesse campo.

Sendo tão diferentes as condições de vida nos diversos países, é impossível dizer exatamente o que cada um deve fazer; mas há algumas regras básicas que se aplicam a todos em todas as partes.

Para a maioria das famílias, a primeira obrigação econômica tem que ver com a moradia, seja ela alugada ou própria. Além disso, uma casa precisa de móveis. Estabelecida a família, é necessário prover-lhe alimento e roupa, e depois dessas coisas vem as necessidades diárias e, talvez, para os mais afortunados, fique algo para algum luxo que necessariamente ocupará o último lugar.

A regra fundamental da economia familiar é nunca contrair mais obrigações das que podem ser pagas mais tarde.

O orçamento

Quem observar essa norma geral nunca fará dívidas além do que pode pagar. Há diversos livros que orientam acerca dos recursos e planejamento familiar. Muitos deles aconselham que se dedique 25 por cento da renda para amortizar o financiamento da casa ou pagar seu aluguel. Mas, com a alta vertiginosa no preço de moradias hoje, é muito provável que a porcentagem seja maior, e se é, deve ser compensada com cortes em outras despesas. A porcentagem reservada às despesas com moradia devem incluir o custo de móveis e impostos.

Em seguida com o mercado que, em países industrializados, corresponde a 20% da renda mensal. Nos demais países, varia amplamente. Deve-se tomar em conta também outros fatores. Por exemplo, uma família sem filhos gasta menos que uma família grande; o alimento é mais barato em uns países que em outros e, algumas famílias conseguem reduzir suas despesas cultivando sua própria horta. Precisamos determinar qual a porcentagem apropriada para nossos gastos com alimentação. Muitas vezes essa responsabilidade é delegada à mãe de família e é muito o que ela pode conseguir se faz suas compras com habilidade e prudência, conseguindo alimento de boa qualidade pelos menores preços possíveis.

Algumas famílias dedicam entre 5 e 10% de seus recursos para a compra de roupas. Outras têm exigência maior nesse ponto devido ao tipo de trabalho que exercem. Aqui também é preciso moderação. A mudança na moda e a propaganda despertam nosso interesse por certas coisas e facilmente nos levam ao esbanjamento.

Esse é o momento de analisar a importância de ser parcimoniosos com o cartão de crédito. Não raro, alguma coisa adquirida a prazo cai de moda ou, no caso das crianças, se desgasta antes de terminarmos de pagar.

Supridas estas três necessidades básicas: alimento, teto e roupa, temos que ocupar-nos do transporte. Para muitos, isso significa um automóvel e os gastos relacionados a ele, incluindo o combustível, ou ainda despesas com transporte público. Se onde moramos houver um bom sistema de transporte coletivo, podemos recorrer a ele com maior freqüência para reduzir os gastos com automóvel. Se um carro se torna imprescindível devemos comprar um que esteja ao nosso alcance, talvez um usado.

O leitor que tenha feito o cálculo dessas porcentagens compreenderá que as necessidades básicas da vida consomem a maior parte de nossos recursos. Deduzimos os 10% de Deus mais Suas ofertas, o governo leva uns 20%, a casa 25%, o mercado 20% e a roupa 5%. Sem nos dar conta, consumimos já 85% ou mais e ainda não consideramos gastos com educação, dentista, tintureiro, nem tampouco reservamos uma soma para recreação, nem separamos nada para economia.

Ao analisar esses princípios com alguns alunos da Universidade, chegamos à conclusão, sem brincadeiras, de que, com tantos gastos não nos podíamos dar ao luxo de continuar vivendo! Isso ainda não è assim, mas concluímos com isso que por farto ou escasso que sejam nossos ganhos, haverá sempre uma maneira de gastá-lo. Pouquíssimos são os indivíduos que ganham mais do que o que necessitam gastar. Como todos estamos diante da mesma necessidade, de nos mantermos à tona em um mundo onde os preços sobem constantemente e onde queremos desfrutar o conforto da vida moderna, todos temos de fazer frente ao mesmo problema de planejamento e controle.

Se queremos ordenar nossas finanças e nos mantermos longe de dívidas teremos que verificar como estamos gastando o que ganhamos.

Para que isso aconteça, a única maneira é fazer as contas. Uma coisa muito conveniente é que os membros da família se reúnam e elaborem um planejamento realista e que se apoiem uns aos outros para não sair dos limites propostos. Talvez resolvam mudar-se para uma casa mais barata ou mais próxima do

trabalho, ou recorrer a um meio de transporte mais econômico e prático. Talvez tenham que adiar a compra de alguma coisa que não está ao seu alcance no momento. Logo se enumeram todos os gastos previstos para um período de aproximadamente três meses, o que facilitará a análise das despesas. Esses dados devem ser escritos em um caderno ou em outra parte mas devem estar sempre à mão. É necessário que se anotem **todos** os gastos necessários e os pagamentos com cheques, além de cada pagamento recebido.

E há algo mais muito importante. Antes de lançar-se à compra de um novo artigo, antes de planejar um viagem ou antes de comprometer-se com qualquer despesa, a família deve reunir-se e analisar o assunto. Uma das grandes causas de endividamento são as compras precipitadas. O vendedor sabe tentar-nos e nos obriga a comprar. Muitos são espertos e estudam a maneira de convencer, sabendo que a maioria das compras se fazem na primeira visita. É por isso que o vendedor de automóveis nos pressiona tanto quando, ao passar, nos detemos a olhar por curiosidade ou porque temos algum tempo livre. Se consegue despertar nosso interesse, se vê em nossos olhos um brilho ao examinar determinado carro, ou se consegue fazer-nos ouvir algum plano de vendas a prazo, iniciará a exercer sua pressão. Milhares de pessoas se deixam convencer assim todos os dias.

Convém fixar esta norma na família: que não se farão compras maiores nem se tomarão decisões em matéria econômica sem antes haver estudado o assunto de comum acordo. A decisão pode muito bem esperar um dia, uma semana ou um mês. Na maioria dos casos, o objeto ainda estará ali quando regressarmos, ainda que o vendedor nos queira convencer que é uma oportunidade única e que se não a aproveitamos hoje a perderemos para sempre. Se é assim, que se perca! Pelo menos não nos levará a ruína.

Ao fazer o planejamento, os gastos que forem incluídos deverão ser coisas **necessárias** e não simplesmente coisas que **queremos.** O modo que escolhermos para fazê-lo deve ser o que melhor se adapte à nossa situação; e uma vez estabelecido, não o ultrapassemos!

Cuidado com os cartões de crédito

Mencionamos já os cartões de crédito e as compras a prazo, as quais têm contribuído em grande medida para nossa situação atual. Se não existisse o financiamento, quase ninguém seria proprietário de uma casa ou automóvel, nossos móveis seriam escassos e teríamos pouca roupa.

Não é mal possuir cartão de crédito ou financiar uma casa em 20 ou 30 anos. Não é mal se estamos em condições de pagar essas quantias. Muitos, porém, se excedem e, para eles, não é correto. Talvez alguns de nós não deveríam ter comprado aquela elegante poltrona ou o casaco que não era realmente necessário mas que adquirimos a crédito. Essa compra foi uma carga excessiva para o orçamento que já estava chegando ao seu limite. O cartão de crédito mal usado pode-se converter em uma maldição.

Se você, leitor, não é capaz de fazer economia ao comprar, é melhor que elimine o cartão de crédito e que se fixe uma norma pessoal de não comprometer-se em comprar a crédito.

Os que têm conseguido controlar as compras a prazo, devem ser prudentes para não abusar. Milhares caem em apuros ao comprar alegremente coisas que logo não poderão pagar.

Aqui devemos dizer algo sobre as compras financiadas. Ainda que às vezes seja uma ajuda, exigem muitíssima cautela. O financiamento tem-se tornado caríssimo, e a maioria das pessoas não pára a pensar sobre o que significa comprar a crédito. O consumidor que solicita um empréstimo ou que compra algo financiado deve estar consciente das condições do contrato. Terá que decidir se vale a pena pagar os juros onerosos ou se convém economizar o necessário para fazer a compra à vista mais tarde.

Iniciemos já

Nunca é tarde para iniciar o acerto dos problemas econômicos da família. Quanto mais o adiarmos, maior será nosso endividamento.

A década de 80 poderá ser a era das maiores dificuldades econômicas desde a recessão dos anos 30. Os preços do ouro e da prata têm flutuado loucamente nos últimos anos. As taxas de juros têm subido às nuvens. A economia mundial é uma montanha russa, cheia de altos e baixos, com "deficits" nas balanças de pagamento e gastos crescentes com a energia. As taxas de inflação são opressoras.

Nosso futuro econômico é, no melhor dos casos, incerto. Necessitamos uma base sólida. Necessitamos que nossas finanças estejam sob controle e tenham as bênçãos de Deus. As leis do êxito iniciam-se com Deus e terminam com o manejo prudente do dinheiro. Se quebramos algum aspecto dessas leis, não saldaremos nossas dívidas adiante, nos momentos de crise econômica.

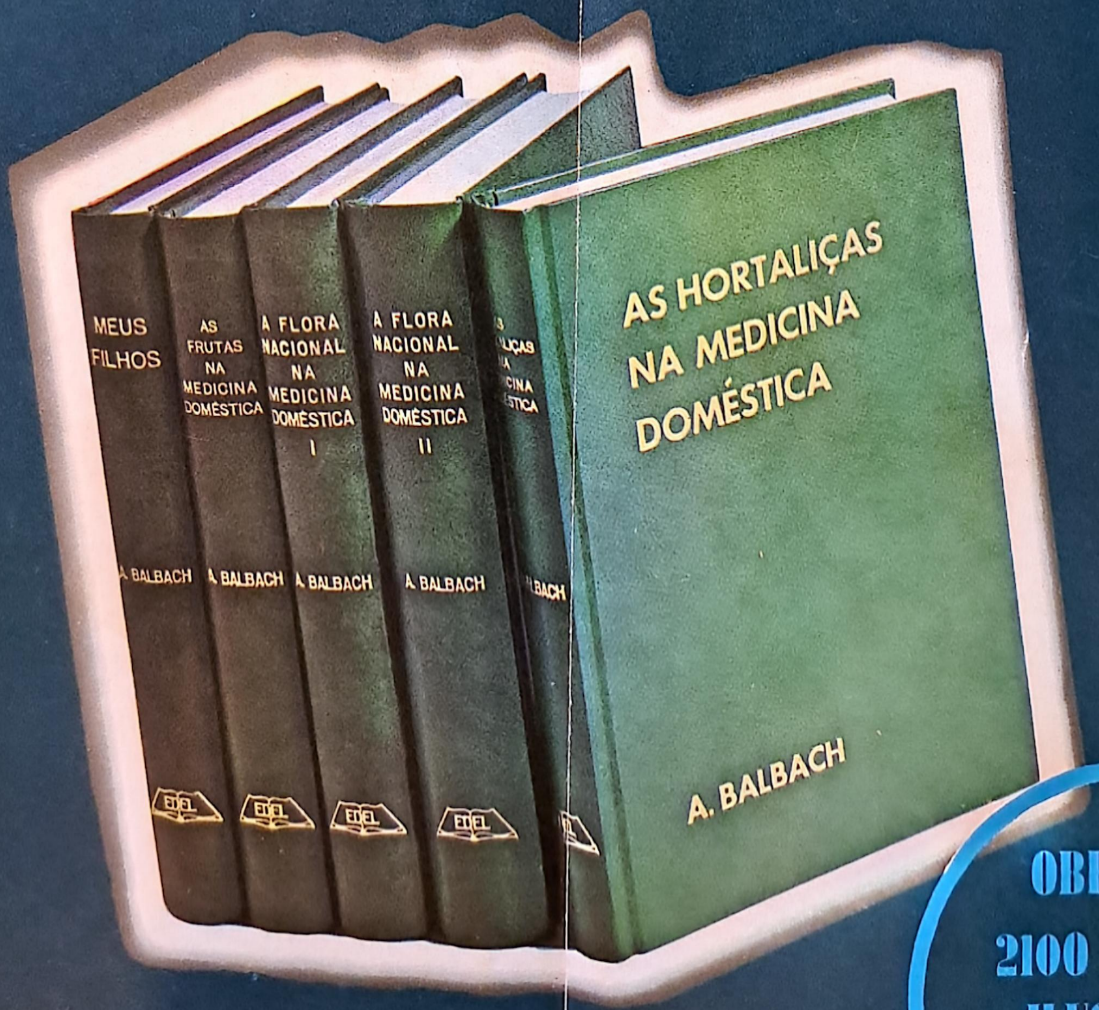
Mas quem as observar poderá sobreviver em meio à tormenta. Façamos um propósito; os resultados serão positivos.

Traduzido de "La Pura Verdade", maio/82

MEDICINA NATURAL

MAIS DE 1.000.000 DE EXEMPLARES VENDIDOS NO BRASIL

(5 volumes)



OBRA COM 2100 PÁGINAS ILUSTRADA ENCADERNADA

EDIÇÕES «A EDIFICAÇÃO DO LAR»